

JEAN WERQUIN

Thérèse Cornille



Editora Cerf

Thérèse Cornille

JEAN WERQUIN

Thérèse Cornille
e « Clara Amizade »

« Epifania »

Editora do Cerf
Paris

2001

AS GRANDES DATAS DA VIDA DE THÉRÈSE CORNILLE E DOS LARES CLARA AMIZADE

13 de maio de 1917: Nascimento de Thérèse Cornille em Wasquehal (norte da França).

Novembro de 1928: Morte de sua mãe. Thérèse tem que deixar a escola.

13 de maio de 1930: Começa a trabalhar numa fábrica.

1932: Encontra o Padre Prévost. Entrada de Cristo em sua vida.

1940: Thérèse adere à JOCF [Juventude Operária Católica Feminina]. Em *1941*, é nomeada dirigente federal em Roubaix; em seguida, torna-se líder do movimento, no qual ficará até *1946*.

1946: Abertura do primeiro Lar para adolescentes em Roubaix: *Clara Alegria*. O movimento espalha-se pelo norte da França.

1948: Primeiro encontro com Marthe Robin.

1952: “Despedida”, ela vai a Paris por ordem do cardeal Liénart, atendendo também ao apelo do cardeal Feltin.

1954: Abertura do primeiro Lar parisiense, na rua d’Ourcq, 59 (Paris, 19° distrito). Difusão do movimento nos subúrbios e pelo interior do país.

1959: Apelo do bispo de Kaolack (Senegal). Viagem pela África Negra.

1961: Ingresso de Christiane Muller na comunidade.

8 de dezembro de 1961: O primeiro grupo de orientadoras chega a Kaolack; abertura do Lar em 25 de março de *1962*; expande-se pelo Oeste da África.

Maio de 1962: Thérèse perde definitivamente a visão.

1962 à 1968: Apelos de bispos da Ásia e da América Latina.

Páscoa de 1963: Nascimento da Associação *Clara Amizade*.

1968: Viagem ao Extremo-Oriente; abertura do Lar de Phnom Penh (Camboja).

6 de novembro de 1969: Thérèse sofre 24 paradas cardíacas em 24 horas. Escolhe Christiane como primeira colaboradora.

Pentecostes de 1970: Primeiro encontro de todos os lares da França.

15 de agosto de 1975: Assembléia geral constitutiva de Clara Amizade Universal: adoção de sua carta. Primeiras orientadoras africanas.

1982: Primeira orientadora asiática.

1987: Por indicação de Thérèse, Christiane Muller é eleita presidente e diretora geral de Clara Amizade.

4 de dezembro de 1989: Thérèse entra na Vida.

PREFÁCIO

Não posso furtar-me ao pedido de Jean Werquin convidando-me a “fazer um prefácio” para este livro sobre Thérèse Cornille. É um sinal de amizade; e amizade obriga.

Entretanto, além do dever de dar graças pelo dom de Deus à Igreja e ao mundo, por essa cristã exemplar que amamos e que também “deu aos outros tudo que possuía na vida”, unicamente por amor, entrevejo um sinal, um duplo sinal dos tempos. Bem melhor que meu testemunho pessoal, ele oferece um belo prefácio a este álbum de família centrado na mãe fundadora de *Clara Amizade*.

Trata-se primeiro de um acontecimento da Igreja que se reveste, neste ano de 1991, de grande importância. Com efeito, são decorridos cem anos que um papa clarividente, e consciente de sua responsabilidade apostólica frente à questão social, escreveu uma carta audaciosa e profética, fonte de luz e de inspiração, falando de uma presença ativa e verdadeiramente evangélica da Igreja no mundo.

Entre os cristãos que, desde o fim do século passado, devotaram-se e se consagraram, através de suas obras e iniciativas sociais, em prol dos operários, das adolescentes ou das mulheres, e foram motivados pelo espírito da grande carta de Leão XIII, como não situar, em lugar muito especial, a bela figura de Thérèse Cornille? Uma das maiores graças da vida dessa mulher foi ter encontrado no seu caminho, em sua terra natal, um bispo de estatura excepcional, o cardeal Liénart, como pai e diretor espiritual. Ela lhe deve muito do que foi e do que pôde realizar com tanta fé e amor. O presente livro saúda com justiça tal testemunho. E este momento, no qual a Igreja universal celebra solenemente o centenário da *Rerum novarum*, parece também traçar um belo quadro, deveras significativo, em memória de Thérèse.

A doutrina social da Igreja não é somente uma teologia abstrata do que a fé ensina a respeito da dignidade e da promoção do homem; é, antes de tudo, uma Vida a serviço dos que necessitam de provas concretas de amor por parte da Igreja, mãe e mestra no mundo. Thérèse viveu para Deus e para seus irmãos e irmãs. É por isso que ela merece ser lembrada onde quer que *Clara Amizade* continue a irradiar sua mensagem junto às

adolescentes e mulheres deserdadas, em prol de sua dignidade humana e de sua reabilitação social.

Thérèse era também profundamente missionária. Possuía um coração grande como o mundo e desejoso de dar a conhecer Jesus Cristo.

Em 8 de dezembro de 1989, celebrou-se a missa de corpo presente. Numerosos foram os amigos unidos às suas filhas, naquela circunstância de últimas ações de graças. Tudo foi belo e grande, porque muito simples e pleno da presença de Deus.

Na data do primeiro aniversário daquelas horas marcantes para *Clara Amizade*, em 8 de dezembro de 1990, o Papa assina um grande documento missionário cuja irradiação e cujo impulso se espalharão, é preciso desejá-lo, largamente no Terceiro Milênio, como uma nova primavera da evangelização.

Coincidência na marcha da história? Sem dúvida alguma; mas quem então pode impedir-nos de extrair disso alegria, ensino e significação? Acontece que *Redemptoris missio* é também uma encíclica profética. Em todo caso, se a carta de um papa foi determinante na misteriosa e providencial preparação de Thérèse para a sua vocação social, por outro lado a sua paixão missionária soube, muito de antemão, realizar o desejo mais caro ao coração de João Paulo II: levar Jesus Cristo a todos os homens vindos de todos os continentes e de todas as culturas. Este mandato vindo do alto e de longe permanece mais que nunca imperioso e atual. Foi por isso que, até o extremo limite de sua vida, Thérèse só sonhava em estender o reino de Deus da França até a África e a Ásia. Lembramo-nos de que sua última grande viagem foi ao Senegal, apesar de estar em precaríssimas condições de saúde. Daquela maneira, ela queria confirmar e consagrar, por meio de um sacrifício pessoal, o compromisso generoso e missionário de suas filhas enviadas às terras do Islã.

No decorrer de um encontro decisivo em sua vida, foi-lhe declarado: “O Evangelho não é o objetivo do mundo de hoje.” Sua resposta foi espontânea e sem rodeios: “Este mundo pertence a Alguém.” Para ela, esse Alguém é Jesus, a quem sempre soube dizer *sim*, a palavra-chave, a única palavra de sua vida profundamente cristã, inteiramente dedicada, inteiramente missionária.

+ 

† B. Cardeal Gantin.

INTRODUÇÃO

Alguns dias depois da morte de Thérèse Cornille que, sem alarde, tanto fez pelas adolescentes e mulheres jovens em grandes dificuldades, um bispo africano, Monsenhor Anselmo Titianma Sanon, expressava assim o sentimento geral: “Sua vida oculta terminou, começa agora a sua vida pública.” E, para as orientadoras da associação *Clara Amizade* fundada por Thérèse, ele acrescentava: “Vós, filhas dela, fostes testemunhas de sua vida oculta.”

Se fosse necessário caracterizar em uma palavra a vida e a obra de Thérèse Cornille, a palavra seria *sim*. Sim a Jesus, da infância até a morte. Sim a todos os sinais que ela reconhece como tantos chamados, nas intervenções da Igreja instituída, nas provações que não lhe faltam, nos grandes sofrimentos padecidos.

Todavia este *sim*, constantemente renovado, não é pronunciado sem discernimento. Como saber em que ocasiões ela pode aceitar e, em outras circunstâncias, deve recusar? De onde retira esse conhecimento e essa força?

Certamente não de uma instrução superior, pois teve que deixar a escola aos 11 anos. Nem de dons particulares, exceto o de ouvir, sem nunca julgar. Mas de uma intensa vida de fé, nutrida quotidianamente. Ela tem também o seu “*jardim secreto*”, de acordo com as palavras de uma amiga religiosa: sua inteira confiança em Maria, expressa em uma consagração pronunciada na mais tenra infância e renovada várias vezes ao dia, até o último instante.

Dessa confiança, ela retira uma força de convicção e de preparação capazes, literalmente, de erguer montanhas. Pode, assim, realizar uma obra que lhe vale admiração e fidelidade, e cujo desenvolvimento ela própria previu e organizou.

I. UMA EXISTÊNCIA REALIZADA

À GUIA DE PRÓLOGO

Três horas da manhã. Thérèse está acordada e mantém sua lâmpada acesa. Ela espera a volta de Françoise, menina terrível, que está fora desde o anoitecer.

Naquele bairro popular de Paris, Thérèse dirige um Lar de adolescentes em grandes dificuldades. Duramente maltratadas pela vida, mostram-se muitas vezes agressivas: as feridas são tão profundas! Será preciso tempo para abrandá-las. E Françoise, com 17 anos, encontra-se ali há bem pouco tempo.

Três e quinze. Françoise toca timidamente. É a própria Thérèse quem abre a porta: “Entre, eu a esperava. Você deve estar bastante cansada.” Emudecida de surpresa, Françoise nem ousa mexer-se. Thérèse beija-a, insistindo: “Vá descansar agora; você tem horas de sono a recuperar. Você precisa estar bem amanhã; teremos que conversar.”

Virando-se várias vezes na escada, Françoise entra no quarto e dorme um sono agitado. De manhã, confia à vizinha: “Não recebi bofetada, ela não me xing..., e até me beijou. Não consigo entender.”

Fica ainda mais transtornada quando Thérèse conversa com ela: “O que foi que deu em você? Por que você saiu? Não se sentia amada?” Depois de alguma resistência, Françoise abre seu coração.

Ela confessará às colegas do Lar: “Eu nunca conheci um amor assim, uma mãe que me espera depois de eu ter feito tantas coisas, que me ama e que continua me amando. Por quê?” São necessárias algumas semanas para ela finalmente dizer: “Durante muito tempo procurei, procurei: e foi Deus quem encontrei.”

Trinta anos mais tarde, em outro dos lares criados por Thérèse, onde o espírito de família e a ternura brilhavam, uma jovem imigrada assim se exprime: “Meus pais nunca disseram que me amavam. Eu precisava de afeto e, como não o tinha, colocara um muro de ódio e de agressividade entre eu e os outros. Sou muçulmana. Lá em casa, a mulher não é tão considerada e eu achava que Deus é um Deus duro.

Eu tinha muitos problemas. Mergulhei no álcool e tudo mais... Colocaram-me em 21 lugares diferentes. Fui levada 15 vezes ao tribunal. Tiraram-me o meu filho. Quando o recuperei, ele não queria mais me ver: tinha medo de mim. As pessoas me criticavam e me julgavam: ‘Você não ama ninguém’. E eu dizia para mim mesma: “Mas o que é amar? Digam para que eu saiba!” Um grupo de cristãos tentou ajudar-me. Em seguida, cheguei ao Lar materno *Clara Morada*.

Um dia, não agüentando mais, sozinha no meu quarto, gritei para Deus aos prantos: “Senhor o que é amar?” Ouvi então no fundo do meu coração: “Mas eu estou aqui. Morri por você. Eu te amo.” Respondi: “Senhor, é verdade que você me ama de fato? Se é verdade, então cura-me.”

E, graças a Jesus, hoje estou de pé, pois estava perdida. É tão importante saber que há alguém no céu que se preocupa e cuida de nós, que nos diz: “Quando mesmo seu pai e sua mãe lhe abandonarem, eu jamais lhe abandonarei.” Foi um passo decisivo; aquilo me transformou.

Claro, ainda tenho dificuldades, desânimos; às vezes volto a pensar no meu passado. Mas a cada vez, no fundo do meu coração, escuto: “Estou aqui, vá em frente” e eu prossigo. Agora, ocupo-me de meu filho a quem amo.”

Quem é então essa mulher, para encontrar semelhantes caminhos? E quem é essa família *Clara Amizade*, sobre a qual, todo ano, aquelas que já saíram não hesitam em declarar: “Recebi muito de *Clara Amizade*, lá eu fui amada: agora é a minha vez de dar um pouco de felicidade às outras”?

UMA FAMÍLIA CRISTÃ DO NORTE: 1917-1930

Louis Cornille é operário na cidade de Roubaix, como seu pai e sua mãe. Esta, depois de uma infância muito dura, tornou-se exigente consigo mesma e com os outros.

Clémence Nifle, órfã aos três anos, não veio de um ambiente mais tranquilo. Mas na juventude, pelo menos, foi feliz com as religiosas do Bom Pastor na cidade de Lille.

Admitida na congregação, caiu doente durante o noviciado, e não pôde continuar. Colocada na casa de um leiteiro em Croix, cidadezinha próxima de Roubaix, ela entrega manteiga e ovos em domicílio: o filho de uma de suas clientes é Louis

Cornille. Entre ambos o amor é recíproco e logo se torna profundo. Casam-se na segunda-feira de Pentecostes em 1914, na igreja de São Clemente de Wasquehal, de cuja construção Louis participou. Todos os grandes momentos religiosos da família acontecerão ali.

Dessa união nascerão, em 14 anos, dez filhos. Thérèse é a segunda, duas meninas morrerão ainda bem pequenas. Nessa família pobre reina a alegria, alicerçada em um amor mútuo, nutrido por uma fé ardente. Muito jovem, Louis aderira à Juventude Católica. Juntamente com Louis Blain, assinou a ata de fundação da CFTC do Norte (Confederação Francesa dos Trabalhadores Cristãos). Naquela época, sem salário-família nem seguro social, uma ação sindical organizada parece-lhes indispensável. Encontram inspiração na encíclica *Rerum novarum* de Leão XIII (1891).

Clémence, por sua vez, ama tanto a Virgem Maria que lhe consagra cada um dos filhos: no nascimento, no batismo, na primeira comunhão, na consagração.

Em 1919, Louis perde a visão em consequência de um acidente de trabalho. Ele conhece tão bem sua casinha de Wasquehal e o jardim contíguo que as pessoas chegam a esquecer sua cegueira. No final de mais um dia de trabalho, e após as obrigações domésticas onde todos participam, a família se reencontra em volta da mesa para o jantar, grande momento de descontração. Ali, eles comentam os acontecimentos do dia, brincam em meio a risos, ouvem as informações no rádio, trocam notícias do bairro, do sindicato e da paróquia.

Thérèse é profundamente marcada por aqueles anos de infância, onde uma educação muito firme é acompanhada sempre de uma grande ternura. Quando ela quiser resumir a intuição de “seus” lares, dirá simplesmente: “Lá em casa, nós éramos pobres, mas nos amávamos.” Surpreende-lhe o fato de nunca ter visto seus pais em desacordo diante dos filhos. Também fica muito marcada, e para sempre, pela morte de sua mãe em novembro de 1928. O filho caçula tem apenas um ano. Louis está cego já há nove anos. A uma vizinha que lhe disse: “Se Deus de fato existisse, Ele não deveria permitir tal coisa!” Louis responde com veemência: “Cale-se! Se eu não tivesse fé, me atiraria no canal com as crianças.”

Para Thérèse, que ainda não tem 12 anos, a morte da mãe é uma comoção: é o coração da família que desmorona. Contudo, nada demonstra de seu sofrimento, e continua a ser, externamente, a mais alegre a ponto de parecer indiferente. Mas está pronta para

compreender o desamparo dos jovens privados do afeto familiar: data provavelmente daí a sua decisão de levar a vida construindo, para os outros, essa felicidade tão apreciada que, para ela, desapareceu repentinamente.

Louis criará seus filhos sozinho, renunciando a manter junto dele aqueles ou aquelas que teriam podido ajudá-lo, favorecendo, pelo contrário, a vocação dos que se sentem chamados.

Ele morre em 1969, cercado pelos filhos e netos. Alguns dias antes, suas últimas palavras foram para Thérèse, igualmente cega: “Obrigado por ter vindo.”

A FÁBRICA E A JOCF: 1930-1946

Com a morte da mãe, Thérèse deixa a escola - sem reclamar - para dedicar-se ao trabalho doméstico. Em 13 de maio de 1930, dia de seus 13 anos, começa a trabalhar numa fábrica têxtil de Roubaix. No mesmo dia, seu pai a conduz à seção sindical CFTC para tirar a carteira.

Na época, as iniciantes não se beneficiavam da seção de aprendizagem nem de horários especiais. Cabe às operárias mais velhas ensinar o ofício às mais novas: elas o fazem com má vontade, pois o rendimento diminui e, portanto, o salário cai. As mais novas ficam em pé diante das máquinas das sete ao meio-dia e das 13:00 até as 18:30 horas; só têm direito aos maus tratos, ao mau humor das antigas, à atitude grosseira ou equívoca de alguns homens. Apesar do cansaço da volta a pé, Thérèse também está satisfeita em voltar para a casa à noite, e em ajudar nas tarefas domésticas.

Em 1932, uma amiga convida-a para uma reunião da JOCF em Roubaix. Ela ouve um padre belga dizer-lhes: “A alma da jovem operária tem tanto valor quanto a da filha de seu patrão.” Era o abade Cardijn, fundador da JOC. Reação imediata de Thérèse, que percebe muito bem a diferença na sua vida cotidiana: “Era, para mim, a declaração de um padre apaixonado.”

Entretanto, ela já havia encontrado o Senhor em um retiro que dois dias de folga seguidos lhe permitira realizar. No Cenáculo, em Lille, o pregador parece-lhe simpático, mas ela o escuta pouco. O padre Louis Prévost é um dos capelães da JOCF de Lille; ela não o conhece ainda. Quando ele anuncia no dia seguinte: “Gostaria muito

de vê-las, senhoritas”, para ela trata-se apenas de um dos exercícios previstos. Na sua vez de entrar, declara: “Eu venho vê-lo, porém nada tenho a dizer.” Ele sorri para ela com um olhar cheio de bondade: “Está muito bem, senhorita. Sente-se.” E a interroga sobre sua vida, seu trabalho, o ambiente da fábrica: é a primeira vez que aquilo lhe acontece. Ela sai dali transtornada, decidida a acolher doravante a Palavra de Deus.

Pois acaba de compreender a frase do padre que abriu o retiro: “O Mestre está aí e te chama.” Cinquenta anos mais tarde, Thérèse recorda: “O olhar do padre Prévost ficou gravado em mim. Desde então, não olhei mais os outros, mesmo os mais degradados, senão com aquele olhar; aquele olhar positivo que se lança sobre um ser e que o faz existir: questão de respeito, de gentileza, de profundidade.”

No segundo dia, o padre Prévost fala do Cristo, e este se torna para Thérèse um ser VIVENTE: ele se incorpora a ela inteiramente; ela decide dar-lhe sua vida, a oração torna-se indispensável; ela volta todo mês aos retiros do padre. E como sua mãe ensinou-lhe a conhecer a Virgem Maria, Thérèse faz dela a mãe e a rainha de sua vida. Várias vezes, a falta de trabalho obriga-a a mudar de emprego. Desejosa, aos 16 anos, de entregar-se ao Senhor na vida claustral, abre-se com o pai que responde, com muito bom senso: “Só conheço uma que entrou no convento aos 15 anos, Teresa de Lisieux. Era uma santa e tinha uma vocação particular. Você não é santa e não tem vocação particular. É melhor continuar a cuidar de seus irmãos e irmãs: daqui a um ano voltaremos a falar no assunto.” Ela aceita sem resmungar, e continua a dividir seu tempo entre as horas de trabalho, a família e as atividades paroquiais.

Em maio de 1940, em Calais, Thérèse lê no seu Evangelho: “Fui enviado às ovelhas perdidas da casa de Israel.” Para ela, é um apelo direto, emocionante, e seu *sim* toma uma forma precisa: apesar das reticências da paróquia, decide entrar na JOCF. “É mais forte que eu, o Senhor falou.” Então, toda a experiência acumulada por seu pai, sua família, ela própria, encontra-se valorizada: é, diz ela, o seu “patrimônio de alerta para

a vida operária e social.” O trabalho paroquial ensinou-lhe também a formação cristã, o senso das responsabilidades, a iniciativa... e o respeito às pessoas de todos os meios, já que o mesmo mandamento de amor aplica-se a todos. Thérèse obedecer-lhe-á por toda a vida.

Entregando-se com ardor à tarefa, torna-se militante. Para que as coisas mudem, ela

sente a necessidade de conhecer as encíclicas sociais e decora, ou quase, a *Rerum novarum* e a *Quadragesimo anno*.

Nomeada dirigente federal em Roubaix, anima ao mesmo tempo um centro de jovens desempregadas. Pedem-lhe, no início de 1942, que se torne membro permanente da JOCF. Ela quer recusar, mas o padre Prévost ajuda-a a ver nisso um apelo do Senhor. Mais uma vez, ela diz *sim*.

Membro permanente em uma boa parte do norte da França e do Pas-de-Calais, membro do conselho nacional, ela viaja bastante pela França ocupada. Várias vezes detida, é logo liberada. Essa vida é exaltante... e estafante. Ouçamo-la lembrar: “Somente a atenção ao pormenor da vida das jovens operárias, uma vida de união intensa com o Senhor, um esforço de fidelidade ao dia-a-dia para o que me era solicitado, a alegria de fazer um trabalho de Igreja em período tão duro e em equipe de permanentes, permitiram-me continuar firme.”

Os vários anos desse trabalho levaram-na a tomar consciência da miséria das jovens mais infelizes, mais abandonadas do mundo operário, de modo muito profundo. Quase sempre a ausência ou o deslocamento do meio familiar acentuam as dificuldades pessoais das adolescentes. Por falta de um quadro estável de vida, desaparecem subitamente e as seções jocistas que as acolheram por algum tempo ficam sem notícias delas.

“Eu anotava incansavelmente no meu caderno de militante, todos aqueles casos trágicos que me torturavam o espírito e o coração; pois eu não via solução para tanto sofrimento e miséria.”

OS LARES DO NORTE: 1946-1952

Em 1946, o seu mandato de *Permanente nacional* termina. Thérèse apresenta ao cardeal Liénart, bispo de Lille, o balanço desses cinco anos de atividade. Quando ele pergunta: “Está satisfeita com o trabalho?”, fica muito espantado com a resposta que ela dispara:

Não, Eminência, não estou contente.

Por quê?

Eminência, das duas, uma: ou fiz mal o meu trabalho ou a JOC não está adaptada, pois

há numerosíssimas jovens operárias a quem o movimento não atinge.

Durante duas horas, Thérèse expõe-lhe os fatos anotados na sua caderneta: as jovens trabalhadoras abandonadas, sua própria angústia. Se a JOC não pode dar-lhes a alegria de também elas encontrarem o Cristo, como consegui-lo?

O Cardeal, após havê-la escutado muito atentamente, pergunta-lhe: “O que é preciso fazer?” Uma intuição brota do coração de Thérèse: criar lares onde as jovens fossem acolhidas como numa família. A JOC poderia então encontrá-las. E desenvolver a experiência de sua própria família, que lhe parece passível de transpor em grande escala. As jovens, com a garantia de uma vida de trabalho e lazer, encontrariam ali os meios para cuidarem de si mesmas. Voltando à noite para casa, garantiriam o funcionamento normal de uma casa, dividiriam responsabilidades, abririam espaço no bairro e criariam múltiplas relações.

Muito emocionado, o Cardeal lhe diz: “Minha filha, não é um conselho que lhe dou, é uma ordem de seu bispo: você deve fazer esses lares.”

Aquela palavra é, para Thérèse, ao mesmo tempo uma libertação e um engajamento em profundidade. Nenhuma fórmula comparável existia na época. *Os Lares de proteção para moças* aceitam como pensionistas as jovens que, munidas de referências sérias, são substituídas por motivo profissional. *Os Bons Pastores*, casas de reeducação para delinquentes, são inicialmente abertas para voluntárias arrependidas, e, em seguida, para adolescentes enviadas pela Justiça. Entre os dois grupos, o que fazer para as adolescentes que vivem em grandes dificuldades pessoais e familiares, até então abandonadas à própria sorte?

Aos 29 anos, Thérèse recebe várias propostas de trabalho militante. Mas ela se excedeu nesses últimos anos e seu estado de saúde degradou-se. Ademais, as palavras do Cardeal mexeram com ela profundamente. Seu antigo capelão federal, com quem se aconselha sobre o assunto, propõe-lhe uma grande casa no centro de Roubaix. Promove também um encontro de Thérèse com um jovem industrial, revoltado com as longas durações de trajeto impostas à noite às adolescentes operárias, antes ou depois da longa jornada de trabalho na fábrica.

Thérèse deve iniciar seus lares? Antes, ela quer falar com seu pai. O diálogo, como sempre, é impregnado de uma grande generosidade. Quando enumera para ele as

propostas recebidas, Louis Cornille pensa e diz simplesmente: “Eu penso, pelo que conheço de você e com o que a JOCF lhe trouxe, que você tem mais jeito para um trabalho educativo. – Olha lá, Louis! (Thérèse sempre o tratava assim na intimidade). Você me censurou muitas vezes por quase não me ver em casa em função da minha vida de membro permanente. Se eu fundo esse lar, não estarei quase nunca em casa. – Ora, responde ele sacudindo os ombros, a gente sempre se virou, a gente vai continuar se virando.”

Thérèse beija o pai comovida: tal aceitação é realmente o sinal de que o Senhor e a Virgem Maria esperam dela aquele compromisso. Ela dá a resposta definitiva em 3 de outubro de 1946, festa de Santa Teresa de Lisieux e entra na casa em 15 de outubro, festa de Santa Teresa de Ávila. Por toda a vida, quando perguntam a Thérèse qual é a sua santa padroeira, ela responde invariavelmente: “As duas!”

Naquele dia, reza longamente no oratório instalado na casa e para o qual ela conseguiu a manutenção. Pedindo à Virgem Maria que tudo conduzisse, ela a declara mãe e responsável pelo Lar que vai ser aberto. Renovando sua consagração, promete fidelidade ao rosário cotidiano.

O jovem industrial assumiu a responsabilidade pelas primeiras despesas de instalação. Em 12 de novembro, o Lar de Roubaix acolhe as três primeiras adolescentes, um tanto impressionadas. Iniciam o relacionamento em torno de uma xícara de café, e seguem-se as questões sérias: “A que horas é preciso voltar à noite?

- Eu não sei. Mas toda noite esperarei vocês com a merenda pronta.
- A senhora vai nos explicar o regulamento?
- Não há regulamento”.

As adolescentes ficam muito espantadas, ou melhor, céticas. Thérèse explica-lhes seu desejo de viver com elas como numa família operária normal, onde as pequenas tarefas diárias são repartidas. O programa agrada às moças. Chega uma nova, depois mais três, e formam com as primeiras adolescentes uma pequena comunidade: Thérèse espera fazer daí o núcleo capaz de transmitir às que virão depois, o espírito familiar e a prática do comportamento. Para isso, o grupo deve permanecer amplamente aberto para o exterior: as visitas são frequentes. Uma noite em que todas se sentem felizes por trazerem suas idéias durante a refeição, a casa é batizada de *Clara Alegria*.

Os novos problemas não vão tardar. Um dia, Thérèse precisou hospitalizar uma moça,

atingida por uma doença venérea. Foi a primeira a ficar no Lar em finais de semana, pois não tinha família. Daí em diante, o Lar não fechará mais as portas. De outra feita, a assistente social vem fazer uma enquête: as jovens se queixam de tudo. Na volta da fábrica, Thérèse questiona as moças:

- Se algo não vai bem, digam-no aqui, antes de se queixarem lá fora. O que é que não vai bem?
- Veja só: nós nos sentimos tão bem juntas que resolvemos falar mal do Lar para que ninguém queira vir para cá.
- Não é possível, diz Thérèse, sufocada. Vocês são amigas da onça!”

Depois reflete: para elas manifestarem tanto egoísmo, algo deve estar faltando. Parece-lhe urgente acolher outras jovens.

As candidaturas são numerosas e os vinte leitos do lar são logo ocupados, sendo que a prioridade é sempre para as adolescentes que vivem em maiores dificuldades. Não falta trabalho. Felizmente uma amiga de Thérèse, federal jocista, aceita vir ajudá-la: primeiro de dia, depois em serviço contínuo. As duas juntas garantem agora as tardes e as noites. Mas as adolescentes também afluem. Um dia de diligência em que Thérèse chega tarde, quatro novas recém-chegadas ocupam os leitos das duas monitoras: a casa prevista para vinte jovens naquela noite abriga trinta e duas.

Sentadas num divã, Thérèse e sua companheira têm toda a noite para refletir sobre a situação: uma solução nova impõe-se. Informado, o proprietário propõe uma outra casa, também no centro de Roubaix, capaz de abrigar simultaneamente dois lares de vinte jovens cada. Em fins de 1947, as arrumações terminadas, *Clara Alegria* vai para o andar de cima e um novo Lar, *Bela Estada*, instala-se no andar térreo.

Amigas jocistas vêm progressivamente reforçar a equipe, permitindo abrir, em Armentières, um terceiro Lar de adolescentes (*Sole mio*) e, em Lille, um quarto Lar de acolhimento (*Nossa casa*). Uma associação é formalizada, de acordo com a lei de 1901, para administrar os quatros lares: as jovens batizaram-no de *Nossa casa*, sua sede social fica no Lar de Lille. Permanentemente informado, o Cardeal Liénart apoia a equipe com sua amizade e conselhos.

Falta ainda uma estrutura para as mães solteiras e seus bebês. A oportunidade aparece quando uma jovem mãe toca a campainha do lar de Armentières, às cinco horas da manhã, depois de andar a noite inteira de Lille até lá, com o bebê nos braços.

Acolhida e reconfortada, ela ousa confessar mais tarde: “Era o meu último endereço. Se não me tivessem acolhido, eu teria me atirado no canal com minha pequena.” O projeto de Lar materno ganha corpo em Tourcoing, com o nome de *A Morada*. Começa a ser arrumado no início de 1952, mas Thérèse não verá sua inauguração.

Acontecimentos que datavam já de alguns anos vão, efetivamente, modificar o curso de sua vida. Primeiro, a saúde é gravemente abalada por um trabalho estafante na JOCF durante os anos de guerra, e depois com a fundação e a direção dos lares. Gravemente doente, precisa submeter-se, em 25 de novembro de 1948, a uma importante cirurgia ginecológica, cujo resultado torna-se bastante incerto devido a seu estado de fraqueza. Ela passa quase um ano convalescendo antes de poder retomar uma atividade.

No seu retorno, o conselho de administração pede-lhe que deixe a direção dos lares a fim de consagrar-se às atividades administrativas e relações externas. Ela aceita com simplicidade. Mas o clima começa a ficar sombrio. Na época, as ciências humanas estão em alta: para os administradores do lar *Nossa casa* devem constituir o programa essencial dos lares, e várias monitoras concordam com isso. Para Thérèse, não é suficiente: as qualidades do coração merecem a prioridade. Ela não esquece a finalidade primeira dos lares: permitir às jovens reencontrar o Senhor e poder amá-lo como ela própria o ama. Um retiro realizado em 1949 a conforta nesse sentimento. Ela sofre com a crescente tensão, sem encontrar o remédio.

Como é de praxe nas associações, o conselho de administração detém praticamente todos os poderes. No início de 1952, Thérèse e todas as monitoras são convocadas para um diálogo dramático:

O CONSELHO – A evangelização não é o objetivo do mundo hoje.

THÉRÈSE – Este mundo pertence a Alguém!

O CONSELHO – Neste caso a senhora terá que fazer uma escolha!

THÉRÈSE – Não vejo qual.

O CONSELHO – Ou a senhora aceita esta escolha ou sai agora mesmo, sem pôr os pés aqui de novo.

Thérèse vê nisso uma nova ordem do Senhor, à qual ela deve obedecer. Ao presidente da associação que acrescenta: “E nós trataremos de sua reclassificação”, responde: “Muito obrigada, o Senhor cuida disso.” Às monitoras transtornadas, ela declara: “É

preciso jogar o jogo com o Senhor, no correr dos acontecimentos. Agüentar firme pelas jovens, elas não podem sofrer com o ocorrido.”

O Cardeal Liénart também fica muito emocionado: “É uma vergonha!” Ela lhe conta então que, no ano anterior, uma das fundadoras e o capelão nacional da JOCF pediram-lhe que fosse a Paris estudar a criação de lares iguais aos do Norte. Não seria o momento de ir até lá? “Talvez, responde o Cardeal. Vamos rezar: volte na próxima semana.” E, oito dias mais tarde: “Sim, é preciso que a senhora vá a Paris. Vamos conseguir a aquiescência do cardeal Feltin. Saiba que o Senhor e seu bispo estão muito satisfeitos com a senhora, e confie na Providência.”

Saída do Lar com um único par de sapatos em mau estado, Thérèse bate de porta em porta com vistas à nova criação de lares. Ela sofre com a humilhação, mas confia no Senhor. “Senhor, é para ti que o faço e para tuas meninas.” As jovens dos lares do Norte e suas monitoras coletam selos para ajudá-la. Ela fala com a família e os amigos e pega o trem para Paris, sem imaginar o que a espera na chegada. Ela confia no Senhor e na Virgem Maria, para quem reza durante todo o trajeto.

UM PERÍODO DE TRANSIÇÃO E DE MATURAÇÃO: PARIS, 1952-1954

No trem, Thérèse recorda que o padre Talvas, fundador de *O Ninho*, propusera-lhe um estágio de troca de experiências. Bem acolhida, passa sete meses na instituição, estudando como aquelas mulheres que, abandonadas à própria sorte durante a adolescência, caíram na prostituição. Ela realiza um trabalho útil, mas sente-se chamada por uma outra vocação. Depois de um retiro em Châteauneuf-de-Galaure, deixa *O Ninho*, confirmada na sua missão pelo cardeal Liénart que sempre a ajudou, e pelo cardeal Feltin que agora a encoraja.

Voltando a Paris sem recursos, precisa de um lugar para morar e de um trabalho: uma de suas amigas de juventude, religiosa em Lyon, aconselhou-a a ir ver em Paris a própria irmã, também amiga, professora religiosa ursulina. “Eu não sabia realmente como esses lares poderiam ser feitos, dirá mais tarde Thérèse, mas pensei: prioridade para a amizade, vou primeiro ver Louise.”

Bate então na porta 102 do Boulevard Péreire onde, após trocarem as novidades, a amiga pergunta como ajudar na fundação de futuros lares: “Você talvez pudesse, nas famílias de seus alunos, arranjar para mim um trabalho de doméstica? Preciso trabalhar meio expediente para viver; o resto do tempo deverei me informar sobre os problemas das jovens em Paris, conhecer as pessoas, preparar os lares.” Os superiores da amiga, reconhecendo nisso uma obra de Deus a apoiar, decidem oferecer gratuitamente a Thérèse cama e mesa, pelo tempo necessário.

Thérèse aceita, reconhecida e de bom grado, um pequeno quarto mobiliado com simplicidade, e desocupado para ela; participa das refeições das professoras leigas. Acolhe com alegria e humor as poucas restrições. Respondendo com sua franqueza habitual, mostra-se sempre indulgente e benevolente para com as pessoas.

Afeiçoa-se às religiosas da comunidade, conhece-as pelo nome, e não hesita em brincar com elas. Nasce daí uma fidelidade e um amor recíprocos que não mais serão desfeitos e que se estendem a todo o conjunto criado por Thérèse. “Nossas famílias se parecem”, dirá a uma ursulina visitante, algumas semanas antes de sua morte. Ela também é fiel ao Senhor; frequenta assiduamente a capela da comunidade e assiste muitas vezes às celebrações litúrgicas: “Era bonito... eu amava aquilo.”

Ela reflete, enfim, sobre os futuros lares. Nos assuntos educacionais, questiona muito, lê as obras que as religiosas indicam. Estabelece assim seus princípios de ação; as ursulinas gostam de enfocar seu senso nato da educação. Múltiplos contatos fazem-na conhecer melhor os problemas das adolescentes em dificuldade, e os organismos que tentam encontrar soluções para o problema. Pouco a pouco, vários processos são preparados: administração, formação de orientadoras, formação de jovens, animação espiritual.

Para a administração dos lares, ela quer evitar a repetição dos inconvenientes ocorridos nas situações precedentes. Ajudada por uma amiga advogada, prepara os estatutos da futura associação, já batizada *Clara Morada*. O papel da direção é essencial no ambiente familiar, do qual ela faz absoluta questão. “De agora em diante, para me pôr no olho da rua, vai ser preciso me pedir licença.”

A formação das orientadoras é descrita integralmente. Elas devem unir, a um grande amor ao Cristo e às jovens, uma experiência de vida profissional, noções de psicologia e de pedagogia, uma formação familiar e doméstica. Amarão a Virgem Maria, mãe

delas, que será a primeira diretora dos lares. Suas jornadas concederão um lugar prioritário à oração e à reflexão, fontes do amor fraterno, do espírito de partilha e do dom de si. Momentos de lazer evitarão que elas se deixem esgotar pela ação. Interessar-se-ão pelo que acontece em torno delas e no mundo; manterão relações com jovens e adultos de todos os meios sociais. É fácil reconhecer aí toda a rica experiência de Thérèse.

Será que tudo está pronto? Thérèse, pelo menos, está pronta. Ela própria mandou fazer um carimbo de borracha: “*Clara Morada – Paris.*” Só falta... todo o resto!

Thérèse começa constituindo o conselho de administração: as amizades forjadas no decurso de suas diligências permitem-lhe encontrar os colaboradores necessários. Um deles, recentemente de volta de um retiro em Châteauneuf-de-Galaure, acabara de redigir um artigo sobre o paralítico da piscina de Bethesda, de que fala o evangelho de João. Ele concluía: “Que ninguém possa dizer: eu precisava de alguém para me ajudar e não encontrei”, quando Thérèse bate à sua porta: “Procuro um homem”; em seguida, ela explica seu projeto e a busca de administradores. Ele cai na risada: “Caí na armadilha”, e aceita com entusiasmo.

Um padre do norte, veterano da JOC, informa a Thérèse que há uma casa à venda, na rua d’Ourcq, 52, onde a sede social funciona até hoje: “Não é muito caro... com pouco dinheiro, já dava para funcionar.” Aquela casa abrigava um pequeno lar de jovens operárias e um restaurante para almoço. Muito idosa para continuar, a diretora indicou seu nome ao arcebispo para uma obra similar. É preciso ouvir Thérèse relatar a negociação: “Dona G. acolheu-me gentilmente, levou-me a percorrer a casa que estava em um triste estado, por falta de meios financeiros para a manutenção. Falei sobre meus projetos, ela pareceu muito interessada. Perguntei-lhe qual o preço de venda: quatro milhões e meio de francos, respondeu-me. Perguntou sobre minhas disponibilidades financeiras. Respondi-lhe muito francamente: cinco mil francos ao CCP (trata-se de francos antigos em ambos os casos.) Ela pareceu sufocada com minha resposta. Eu própria fiquei interiormente inquieta; isso era algum tempo antes da constituição da associação. Ela me perguntou se eu tinha um conselho de administração; disse-lhe que não, mas garanti que estava em preparo.

- A senhora tem colaboradores para ajudá-la?
- Não, disse-lhe, mas isso virá a seu tempo.

“Ela me olhou, um tanto cética, mas eu disse com convicção que, se o Senhor quisesse, a compra seria feita. Ela então retorquiu que, para considerar meu pedido, era necessário informar a seu conselho de administração, mas que seria preciso fazer, contra uma promessa de venda, o depósito de dois milhões de francos. Prometi-lhe procurar ativamente aquela quantia. Escrevi logo a um amigo do norte que conseguiu juntar rapidamente a soma pedida. Voltei triunfante para ver Dona G.”

A escritura de venda foi assinada em 12 de março de 1954, uma semana depois da publicação no Diário Oficial da ata de associação, pois a assembléia geral constitutiva ocorreu a 13 de fevereiro na casa de uma amiga da primeira hora, que viera informar-se em Roubaix alguns anos antes; a sede social fica provisoriamente na casa dela. Uma arquiteta, presente naquele dia, vai muito rapidamente encontrar a oportunidade de exercer sua competência; ela também se torna uma fiel amiga dos lares.

Entretanto, falta ainda uma boa parte do preço estabelecido. Os recém-indicados administradores e os amigos trazem sua própria contribuição e a de seus conhecidos.

Uma generosa senhora, com seu grupo de teatro *Les tréteaux mondains* [Os saltimbancos], monta uma peça em benefício de *Clara Morada*. Thérèse distribui seu bom humor, a noitada é soberba, de tanto que todos se sentem implicados, e as quantias obtidas são apreciáveis. Thérèse, segura na sua convicção, conseguiu persuadir e até entusiasmar todos os seus interlocutores: as negociações posteriores ficam assim facilitadas. Finalmente, o abade Pierre fornece o saldo em forma de empréstimo sem juros, transformado em doação depois de algumas anuidades.

Durante oito meses de intensa atividade, Thérèse e colaboradores consertam, arrumam e conseguem mobiliar a casa, encontram recursos e material, negociam as subvenções públicas. Duas antigas jogistas constituem o núcleo da primeira equipe de monitoras. As inscrições de jovens começam antes mesmo do término dos trabalhos. Uma amiga se lembra de ter notificado à JOCF um caso particularmente doloroso e de haver recebido a seguinte resposta: “Uma das nossas chega a Paris exatamente com essa finalidade: acolher as jovens na miséria, isoladas em Paris”; trata-se de Thérèse.

Como em Roubaix, Thérèse é autorizada a conservar o oratório: desde o primeiro dia, o novo Lar recebe a benção do cardeal Feltin e é consagrado à Virgem Maria. É aberto

oficialmente em 21 de novembro de 1954, com a presença e o encorajamento de várias personalidades oficiais.

A EXPANSÃO – NA PERIFERIA DE PARIS E NO INTERIOR

Pouco a pouco, Thérèse abre novos lares. Próximo a Paris, o segundo é inaugurado em outubro de 1956 em Fontenay-sous-Bois para as adolescentes; em seguida, um outro para jovens adultas em Nogent-sur-Marne em 1958. Um pavilhão comprado em Bry-sur-Marne em 1960 funciona primeiramente por um ano como lar de jovens, depois se transforma em lar maternal, acolhendo, a partir de 1962, as mães solteiras com bebê. Cada uma dessas casas recebe vinte jovens; o Lar da rua d’Ourcq exerce, ademais, duas funções comuns: garante o primeiro acolhimento seguido de recolocação em outros lares; e abriga a sede social e o secretariado da associação.

Devido a uma expropriação, o Lar de Fontenay-sous-Bois é transferido, em 1969, para Champigny-Coeuilly. Em 1970, o reordenamento administrativo da região parisiense dota os novos distritos de serviços distintos. Bry, Nogent e Champigny dependem agora de Val-de-Marne: acolhimentos, orçamentos, controle dependem das autoridades daqueles bairros, com regras às vezes distintas das disposições parisienses. Naturalmente, *Clara Morada* vai se adaptando.

Thérèse guarda no coração uma nova preocupação: como acompanhar as “veteranas” cada vez mais numerosas que, depois do período de permanência, não desejam romper o contato com o Lar onde retomaram o equilíbrio e, às vezes, descobriram o amor de Cristo e da Virgem Maria? Receber informações é sempre prazeroso, sobretudo em casos de boas notícias, mas nos momentos de confusão ou de golpes terríveis, as monitoras (chamam-se agora “orientadoras”) têm muito trabalho, pois já estão muito ocupadas com as jovens. Que emoção quando, pela primeira vez em 1973, uma veterana do Lar de Paris pede que aceitem sua filha, também em grande aflição.

Pouco a pouco, surge a idéia de uma *Casa das Veteranas* encarregada de uma tríplice função: socorrer, em curta temporada, as veteranas que atravessam um momento difícil, receber em trânsito, durante algumas semanas ou meses, jovens que saírem de

um Lar, mas que ainda estejam frágeis ou, simplesmente, à espera de um trabalho estável, de um alojamento; reunir, enfim, para encontros educativos ou festivos, jovens de outros lares que não dispõem dessa possibilidade.

Um terreno é comprado em Champigny-Coeully, limítrofe do Lar já existente. Os planos e estudos são preparados longa e cuidadosamente, os contatos com a municipalidade e a vizinhança aplainam todas as dificuldades: é, certamente, uma festa que marca, em 15 de janeiro de 1981, a inauguração da *Casa das Veteranas* onde o retorno das antigas é particularmente numeroso.

Em 1973, torna-se necessário ampliar a direção dos lares, apertada em seus escritórios. Além do mais, Thérèse e sua assessora Christiane passam por sérios problemas de saúde. Afim de melhorar suas condições de trabalho sem, todavia, deixar seu ambiente, elas alugam um pequeno apartamento muito simples em Pantin, subúrbio popular próximo da rua d'Ourcq. Em 1975, a associação *Clara Amizade* compra em Coeully, pertinho do Lar e da *Casa das Veteranas*, um pavilhão que permite às

orientadoras, cada vez mais numerosas, albergarem-se quando de passagem pela região parisiense, ou mesmo de relaxar nos seus dias de folga, e que, temporariamente, abriga o serviço de informática, de importância crescente.

Em fins de 1988, tentando resolver o difícil problema do alojamento das jovens na sua saída do Lar, a associação *Os Amigos de Clara Morada* arrenda um apartamento de quatro cômodos do 19º distrito de Paris: ali, pode-se receber simultaneamente, e por um aluguel acessível, três “jovens veteranas” que procuram ou aguardam um alojamento pessoal. É ainda uma transição para a autonomia e um modo de pôr em prática os ensinamentos recebidos no Lar.

Este é, até aquela data, o dispositivo na região parisiense. O desenvolvimento no interior conheceu um curso paralelo. Foi em maio de 1956 que Thérèse, atendendo ao apelo do bispo de Nancy, vai até lá com um administrador da jovem associação *Clara Morada*. Uma reunião bastante numerosa é organizada: Thérèse mostra-se tão convincente que um conselho de administração não tarda em nascer. Ele registra os estatutos de *Alegre Morada* em julho de 1956 e abre o primeiro Lar de jovens (Nabécor) em setembro de 1957. Em seguida, um lar maternal (Os Pinheiros) será criado em dezembro de 1962. Durante muito tempo, Thérèse vem anualmente

trabalhar em Nancy, e formar as orientadoras que fazem questão de preservar a linha traçada pela fundadora.

O mesmo ocorre em Troyes, graças ao pedido de um padre amigo: o *Lar Feliz Morada* é inaugurado em fins de 1959. O mesmo ocorre em Marselha, onde o lar *Clara Alegria* nasce em 1964. Como acontece na região parisiense com a *Casa das Veteranas*, todas essas associações do interior garantem também um serviço de continuidade.

Ademais, Thérèse colabora na organização de outros lares de jovens em diferentes cidades: Saint-Germain-en-Laye, Besançon, Agen. Diferentemente dos precedentes, estes não se subordinam à família que um dia se denominou *Clara Amizade*. Esta, atualmente, limita-se na França aos *Clara Morada*, *Alegre Morada* e *Feliz Morada* desde que o Lar de Marselha, em 1987, escolheu sua autonomia. É bom acrescentar, enfim, que várias associações exteriores à *Clara Amizade* lhe pediram conselhos, enviaram observadores ou estagiários, às vezes copiaram métodos: tais contatos,

sempre enriquecedores para todos os parceiros, exigem também muita abertura e disponibilidade.

O simples enunciado cronológico poderia fazer crer que os lares *Clara Morada* - ou similares – desenvolveram-se sem dificuldades. O mesmo ocorreu com o Norte. Todavia, graças aos estatutos minuciosamente preparados, as crises não obrigaram Thérèse a recomeçar novamente. Pessoas se retiraram, alguns lares deixaram a grande família *Clara Amizade*... pelo menos esta pôde viver e crescer, um pouco como a maioria das famílias que também passam por seus períodos de tensão e, às vezes, de ruptura. É impressionante constatar a que ponto Thérèse, sem se desviar em nada da linha que havia claramente anunciado, conservou sempre a mesma atitude de respeito aos outros e à liberdade destes. Essa conduta permitiu, mais tarde, algumas reconciliações.

Uma das crises em Paris, no ano de 1967, parece com a do Norte, quinze anos antes. Thérèse considera necessário sensibilizar os lares para as dimensões da Igreja Universal; ela confiou como missão a um administrador recentemente cooptado, bem inteirado dos fatos do Terceiro Mundo, ajudá-la a “abrir” o conselho nesse sentido. Ao contrário, vários administradores, ligados a um padre, sustentam que *Clara Morada* deve ocupar-se exclusivamente de jovens operárias da região parisiense. Os debates

prolongados, profundos, mas sempre corteses, terminam pela retirada dessa segunda facção. O passar do tempo demonstrará a justeza dos pontos de vista de Thérèse.

Houve também questionamentos, e até mesmo tensões, com alguns padres. Aquele ao qual nos referimos acima pressionava Thérèse para que ela aceitasse a instituição de capelães vinculados a cada Lar. Ela dizia freqüentemente: “Nem sempre sei o que é preciso dizer, mas sei muito bem o que não se deve dizer e, nesse caso, também sei repetir sempre a mesma coisa”. Daquela vez, repetiu durante uma hora que os padres das paróquias onde se encontravam os lares desempenhariam muito bem aquele papel: seu interlocutor foi embora.

Algumas orientadoras se foram, quer para exercer outra atividade por escolha pessoal, quer por causa de divergências, muito particularmente entre 1962 e 1969. Apesar das precauções tomadas, apesar da duração do estágio que precede a titularização de uma orientadora, parece às vezes que uma ou outra não está confortável na equipe: é

preferível enfrentar as conseqüências do fato que arriscar choques ou até cisões. A separação é mais penosa quando uma ou várias orientadoras seduzidas por um projeto exterior, esforçam-se para que *Clara Morada* o adote: isso também acontece. Thérèse sempre sofreu com esses desligamentos e tudo fez para não cortar os elos, mas sem comprometer a linha geral dos lares.

O CHAMADO DO TERCEIRO MUNDO

Uma nova página é aberta em 1959, quando o prefeito apostólico de Kaolack no Senegal chama a atenção de Thérèse para as necessidades das jovens africanas mais abandonadas de sua diocese. Não escolarizadas, inteiramente entregues à própria sorte, sem ajuda nem formação, elas não têm nenhum lugar na evolução de seu próprio país. Como esse bispo ouviu falar de *Clara Morada*? O cardeal Liénart preside a conferência episcopal da França; ele não parou de encorajar Thérèse, ele confia nesse movimento de Igreja, e de bom grado recomenda sua excelência. Em Paris, o cardeal Feltin tem a mesma atitude. É provável que o bispo de Kaolack os tenha encontrado.

O Monsenhor Cadoux apresenta seu pedido a Thérèse com convicção. Ela esgota todos os argumentos para demonstrar que *Clara Morada* não possui nenhuma competência em relação à África. “Vocês se tornarão competentes, já que eu estou pedindo que venham. As mais pobres não estão aqui em Paris: estão lá”. E Thérèse conclui: “Como era um bispo, eu não podia dizer não; então, disse sim.”

Ela também conta ao cardeal Liénart essa conversa. Do mesmo modo que em relação ao interior alguns anos antes, ele repete: “Minha filha, não se deixe encerrar em uma diocese, não é esse o seu dom.” Ele a aconselha a conhecer o lugar, refletir e fazer um relatório. Na qualidade de presidente da conferência episcopal da França, escreve cartas de recomendação para o Monsenhor Cadoux, bem como para o Monsenhor Maury, pró-núncio apostólico em Dakar. Ele confirma que, desde o início dos lares do Norte em 1946, Thérèse sempre o consultou, em caráter pessoal, e que ele nunca deixou de apoiá-la em suas sucessivas fundações. Thérèse é igualmente recebida em agosto de 1960 em Roma pelo presidente da Congregação para a propagação da fé, o cardeal Agagianian: ele também ouve Thérèse atentamente, encorajando-a a responder ao apelo do bispo de Kaolack.

O conselho de administração de *Clara Morada Paris* aceita a idéia de uma extensão no Senegal e três orientadoras declaram-se dispostas a abrir esse novo Lar. A primeira termina um mandato de permanente jocista em Dakar; as duas outras estão a serviço em lares da França. Thérèse escreve ao Monsenhor Cadoux, dizendo que ele pode contar com uma equipe no ano seguinte, mas que ela deseja ir antes em prospecção. Ele a convida para as férias da Páscoa de 1961: é o seu primeiro contato com a África. Calorosamente acolhida por Monsenhor Cadoux, conhece aquela cidade de cem mil habitantes e aldeias circunvizinhas. Encontra famílias, grupos, comunidades, personalidades cristãs e muçulmanas. Descobre também as jovens, empregadas como domésticas na cidade. Visita enfim o futuro Lar, cuja construção já está quase terminada. Deixemo-la contar a cena: “Em um fim de manhã terrivelmente quente, com um capacete na cabeça, eu me encontrava no alto da escada que dava para um terraço, em cima do térreo.

O Monsenhor me diz: “Pronto, eu paro aqui, não tenho mais grana”. Do alto da escada, eu digo: “Pois bem, Monsenhor, eu tenho; é preciso construir um andar, o térreo não é

suficiente.” Eu pensava naqueles dois milhões que já estavam comprometidos com as despesas de viagem; mas ainda sobrava algo. “Ah, é?” diz ele.

“Desci a escada, e ele me levou diretamente ao seu gabinete no arcebispado. Imediatamente fizemos os planos do primeiro andar do Lar de Kaolack.”

Em Dakar, Thérèse entrega a carta do cardeal Liénart ao Monsenhor Maury; ele também a encoraja. Na catedral de Nossa Senhora da África, ela reza muito tempo por tudo aquilo que a ultrapassa. Na volta, escreve um relatório bastante completo sobre o que viu e ouviu, principalmente sobre como responder às necessidades das jovens senegalesas.

O projeto toma corpo. Uma nova associação é declarada em 1961 com o nome de *Clara Morada África*. E, em 8 de dezembro de 1961, as três primeiras orientadoras desembarcam em Dakar. Thérèse não pode acompanhá-las como teria desejado: um descolamento de retina exige sua hospitalização, seguida de várias operações; entretanto, não deixa de apoiar a equipe.

Como Thérèse fizera, as três orientadoras começam “saudando” em seus casebres – isso é muito importante na África Negra – as jovens operárias temporárias, cuja situação lhe fora exposta. Ajudadas pelas que falam francês, estudam com assiduidade *ouolof*, língua nacional e mais tarde o *serêre* falado por toda a etnia local. Algumas adultas ajudam-nas a compreender a realidade senegalesa e as necessidades das jovens. Com o bispo de Kaolack, a colaboração é confiante. Os dignitários muçulmanos, de início inquietos com essas “missionárias” de um novo tipo (“elas vão tentar converter nossas jovens?”), logo apreciam a preocupação delas em proporcionar uma educação total, no respeito mútuo e na fraternidade verdadeira, para todas as jovens que possuem o senso religioso. Amigos cristãos aceitam ajudar a equipe com sua experiência e logo depois com sua presença.

Desse modo, surge um Lar de aspecto inteiramente novo, inaugurado em 25 de março de 1962, na festa da Anunciação. Não é mais, como na França, um lugar de moradia, pois as jovens continuam ligadas às suas famílias ou residem com seus empregadores. Logo no início, o Lar achou que teria de albergar as jovens que morassem muito longe. Essa disparidade de tratamento cria um mal-estar que Thérèse, na primeira visita, dissipa rapidamente aplicando a mesma regra para todas. Trata-se de um “Lar de acolhimento” onde elas encontram aquilo que elas próprias desejaram: costurar, ler e

escrever, expressar-se; cantar e dançar com outros jovens; preparar pratos novos, cuidar das crianças e da casa, sem esquecer a dimensão espiritual.

Em maio de 1962, Thérèse perde definitivamente a visão, num dia em que reza com fervor para que o mundo receba a luz. Isso não a impede, e durante longos anos ainda, de dirigir efetivamente os lares da França e prodigalizar conselhos e sustento ao de Kaolack, cujo programa se adapta a cada nova necessidade. O sucesso se traduz por uma frequência crescente e por uma excelente audiência em todos meios civis, religiosos e políticos.

Nada espantoso, então, que outros apelos do Terceiro Mundo cheguem a *Clara Morada*. O desenvolvimento do concílio Vaticano II, aberto em fins de 1962, onde os bispos do mundo inteiro se reencontram nas diferentes seções, favorece a difusão da informação. Os missionários conhecem as orientadoras durante os retiros ou as

jornadas de formação doutrinal. Novos pedidos emanam da África (Costa do Marfim), da Ásia (Camboja) e da América Latina (Brasil, Equador).

Uma vez mais o cardeal Liénart é consultado por Thérèse: deve-se responder primeiro à Ásia ou à América Latina? “Thérèse, diz ele, algumas vezes você me fez perguntas difíceis, mas essa é uma das mais difíceis”. Ele aconselha todavia dar prioridade à Ásia, futuro centro do mundo. Um administrador de *Clara Morada*, em viagem profissional, confirma que a expectativa dos bispos é de natureza muito diferente de um continente a outro. Thérèse conclui então que a próxima abertura se fará na Costa do Marfim e a seguinte no Camboja, na medida em que as orientadoras voluntárias completarem a formação especializada. E o futuro permanece aberto.

Thérèse conduz uma missão de estudos a Bouaké (Costa do Marfim) em janeiro de 1965, parecida com a do Senegal, mas com as necessárias adaptações. A associação *Clara Morada África* aluga um terreno disponível em pleno centro da cidade, com algumas construções, e o Lar é inaugurado em janeiro de 1966. Como no Senegal, quatro anos antes, a equipe de orientadoras começa escutando as jovens, as famílias, os responsáveis.

Em janeiro de 1968, Thérèse e uma orientadora realizam uma longa viagem à Ásia. Elas param na Índia, em Singapura, em Hong Kong e em Taiwan e sobretudo no Camboja, país muito pobre onde vive uma jovem Igreja em formação. A acolhida do

bispo e da comunidade católica é magnífica. Thérèse e sua companheira percorrem o país, fazem numerosos contatos, descobrem *in loco* as expectativas das jovens mulheres. Com a ajuda da missão católica, desenham os planos de construção de um Lar em Phnom Penh, a capital: esse novo Lar é inaugurado no Natal de 1968, com três orientadoras voluntárias, uma das quais traz sua experiência do Senegal.

As civilizações são bem diferentes, os problemas também. É preciso, para começar, aprender a língua Khmer, sob orientação de um professor. É preciso levar em conta a hostilidade hereditária entre as etnias vietnamitas (onde se encontra a maioria dos católicos) e a Khmer (na sua maioria budista). É preciso evitar ferir a susceptibilidade das autoridades políticas, que inicialmente haviam recusado o visto de entrada aos membros da Associação *Clara Morada Ásia* – declarada em 1968 “para a promoção da mulher asiática” – pelo fato de a mulher cambojana não precisar de nenhuma

promoção. Enfim, o Camboja de 1968 já conhece a guerra civil e as jovens esperam de um Lar bem mais do que uma formação: a paz, a esperança, o diálogo e a alegria que não encontram em outros locais.

A situação política agrava-se mais e mais; em 1974 todo o Camboja está em guerra e sua jovem Igreja torna-se uma Igreja do martírio. As orientadoras de *Clara Morada* sentem o dever de ser “imagens vivas” e testemunhas. Na queda de Phnom Penh, em abril de 1975, elas são expulsas como todos os estrangeiros e o país entra em sua longa agonia.

Mais tarde, a Santa Sé encarrega o antigo bispo de Phnom Penh de retomar a evangelização da diáspora Khmer: e naturalmente ele pede a uma das orientadoras do antigo Lar para ajudá-lo. E *Clara Morada* alegra-se, não somente por acolher algumas veteranas do Lar a título de refugiadas, mas até por oficializar sua primeira orientadora Khmer: *Clara Morada Ásia* fica pronta para novas missões.

Enquanto isso, outros bispos da África Negra puderam ver seus pedidos satisfeitos: novos lares são abertos em Niamey (Niger) em 1971, em Thies (Senegal) em 1981, em Bobo Dioulasso (Burkina Faso) em 1991. Outros pedidos ainda continuam na “lista de espera”...

A presença de *Clara Morada* na África conhece dois motivos de importantes progressos. O primeiro é a constituição de associações locais *Os Amigos do Lar Clara*

Morada de..., assumindo pouco a pouco a responsabilidade pelos programas de ação de cada Lar. Embora os meios financeiros ainda permaneçam limitados, pois os países em questão são todos pobres, essas associações exercem uma influência moral importante frente a personalidades e à população.

A outra circunstância favorável é a eclosão de orientadoras africanas. Isso não era evidente, posto que as culturas desses países, de maneira geral, só conheciam duas fórmulas para as adolescentes: elas se casam ou se tornam freiras. Foi necessária toda a compreensão das famílias, nas quais a autoridade paterna conserva ainda um sentido, para admitir que leigas escolham um celibato consagrado. A oração e o apostolado trouxeram seus frutos, já que duas africanas seguiram aquele caminho em 1975: agora, os lares têm várias orientadoras senegalesas, da Costa do Marfim, de Burkina Faso e estagiárias estão sendo formadas. O cardeal Gantin, apoio de *Clara Amizade*,

confirmou-lhes em Roma, desde a sua primeira sessão de agosto de 1975, que esse novo caminho é um bem da Igreja.

AS ÚLTIMAS SEMANAS DE THÉRÈSE: OUTUBRO-DEZEMBRO DE 1989

Já fazia alguns anos que o estado de saúde de Thérèse não apresentava melhora. Não dando atenção a si mesma, conseguiu ainda ir ao Senegal no Natal de 1988 para participar de um encontro de orientadoras da África, que ficam impressionadas com o clima de paz, ternura e partilha em profundidade. Ela também vai a Londres em Pentecostes de 1989, em um daqueles encontros anuais de que ela tanto gosta, entre jovens de todos os lares *Clara Amizade* da França. Ali, ela constata compromissos de jovens que lhe trazem grande alegria.

A partir de 8 de setembro de 1989, não saiu mais de seu apartamento de Pantin. Várias operações naqueles últimos anos não foram capazes de deter um câncer que se espalha e ela sofre com muitas dores nos braços, nas costas, na cabeça. O tratamento de um médico cuidadoso não procura mais curá-la, mas aliviá-la tanto quanto possível. Thérèse nunca fica sozinha; Christiane está sempre perto dela e, nos últimos meses, as

orientadoras se revezam em Pantin. Alguns visitantes, amigos muito próximos, virão até a véspera de sua morte: todos ficam admirados com a serenidade e a paz que ela irradia. Não é uma atitude, é o resultado de uma oração e de uma aceitação constantemente renovadas. Na última missa celebrada naquele apartamento em 31 de outubro de 1989, pelo cardeal Gantin, prefeito da Congregação dos Bispos, todos notam a intensidade de sua oferenda.

Seu maior conforto é a comunhão diária. “Você quer Jesus?” pergunta-lhe Christiane. “Sempre”, responde. Ela pede ao pessoal que a cerca para rezar com ela a consagração a Maria; ela insiste nas palavras: “Eu te escolho hoje... como minha Mãe”. Várias vezes as orientadoras ouvem-na dizer baixinho, quando está sozinha: “Sim, sim, sim.” Um dia, Christiane pergunta:

- Sim a quê, Thérèse?
- A tudo e a nada!

Em duas ou três circunstâncias, ela diz calmamente: “Não quero morrer.” E quando Christiane a reconforta, Thérèse acrescenta: “Era brincadeira.” Era como se ela quisesse, comenta Christiane depois, fazer com que nos acostumássemos com a idéia de sua morte próxima”. A Christiane, que se desculpa por sentir náuseas no momento da higiene, Thérèse diz: “É preciso pedir essa superação a Nossa Senhora” e Christiane consegue continuar, sem incidentes. De outra feita, as orientadoras ouvem-na dizer: “Está muito bem, a porta do céu começa a se entreabrir; é preciso partir, mas para isso é necessário que a porta daqui seja aberta”, e depois: “São José, ajudai-as a partir.” Não se trata aqui de “retirar-se”, elas logo o compreendem, mas sim de saber consentir, como ela mesma, na sua partida.

Em 30 de novembro, recebe pela última vez a visita de um padre. Este, apoio fiel de *Clara Amizade*, diz à guisa de despedida: “Para todo o sempre”.

Na sexta-feira, 1º de dezembro, Thérèse reza intensamente o terço com a Rádio Nossa Senhora. Seu braço direito, imobilizado há várias semanas, faz um grande sinal da cruz e ela diz: “Há tão pouca gente que reza o terço.” Despedindo-se de uma orientadora de Nancy, que vai ao sínodo diocesano para sua última assembléia, ela pede que cumprimente por ela aqueles e aquelas que ela conhece, deseja-lhe coragem e acrescenta: “Vamos permanecer fieis até o fim àquilo que o Senhor pede”.

Pois ela, ao mesmo tempo, permanece espantosamente presente na vida de todos: das orientadoras, que conserva individualmente no coração; das religiosas ursulinas, uma das quais a encontra ainda em 3 de dezembro. A um padre amigo, que prega no retiro de orientadoras, ela diz: “Você dirá que eu rezo muito por seu sacerdócio.” À irmã de uma orientadora com grandes problemas familiares: “É realmente necessário ajudá-la”. Com o presidente de *Clara Morada* e sua mulher, que vieram vê-la na véspera de sua morte, ela reza uma dezena de terços, e agradece-lhes a visita.

Thérèse já não acompanha mais as notícias há oito dias; no entanto, em 28 de novembro, ela diz de repente: “O Vaticano! O Vaticano! Estão acontecendo grandes coisas.” Ao cardeal Gantin que, de Roma, pede notícias com frequência Christiane refere essa frase de Thérèse e seus sofrimentos crescentes no dia 2 de dezembro. O cardeal responde: “É desses sofrimentos que o Senhor se serve pelo que se vive tão intensamente neste momento na Igreja. O Santo Padre vai receber daqui a uma meia hora o Sr. Gorbatchev. Trata-se do restabelecimento das relações diplomáticas entre a URSS e o Vaticano, e o desafio é a liberdade das pessoas. O Senhor precisa do sacrifício de Thérèse. Eu estou bloqueado em Roma, é um grande sacrifício que deve ser oferecido por tudo aquilo que vocês fazem, para ajudá-las. Estou com vocês, sempre.” Quando, nessa mesma tarde, Monsenhor Poupard comenta na Rádio Nossa Senhora a visita do Sr. Gorbatchev, Thérèse escuta atentamente, recusando até o alimento para não se deixar distrair. E, no final da transmissão, comenta: “A gente participa da missão do Santo Padre, é para a Igreja.”

Na segunda-feira, 4 de dezembro pela manhã, Thérèse não consegue tomar o café e se engasga. Chamado, o médico avisa da chegada de um serviço especializado para desobstruir-lhe a garganta e ajudá-la a respirar. Christiane sugere a Thérèse que é o momento oportuno para comungar e deposita-lhe uma fração de hóstia na boca. Thérèse a conserva. São aproximadamente nove horas.

Quando a equipe médica chega, alguns minutos depois, Thérèse não reage mais, seu eletrocardiograma está linear: ela passou deste mundo para seu Pai. Christiane escreverá: “Calma, sem uma palavra, sem barulho, nossa querida Thérèse apagou-se, certamente com a plena consciência e a alegria de ter recebido Jesus e de estar enfim com ele, com o Pai e o Espírito Santo, acolhida por sua Mãe tão amada, a Virgem Maria”.

A PARTIR DE DEZEMBRO DE 1989

Thérèse manifestara seu desejo de voltar para o escritório da rua d'Ourcq, após sua morte. Retornando de Lourdes, depois do grande encontro dos lares em Pentecostes de 1989, ela confiou a Christiane: “Será mais fácil para todos. As jovens, as orientadoras, os amigos que vierem me ver e rezar poderiam entrar no Lar, recolher-se junto a mim e sair no pátio pela porta de trás. Todos estariam mais à vontade.” Em fins de outubro, ela dirá a mesma coisa a uma orientadora secretária. “Então, se estou entendendo bem,

Thérèse, você fala de coisas alegres?” perguntou Christiane. “Estou dando instruções para minha partida”, respondeu com humor:

- Vocês me carregam sentada numa cadeira no elevador; depois H. e I. me apoiam e eu fico sentada no banco de trás do carro; e você dirige, Christiane.
- Oh não, eu jamais poderei!
- Veremos. E, alguns instantes mais tarde: Nesse caso, vocês me levarão oito dias antes de morrer.

Diante da observação de H.: “Como saberemos que será oito dias antes?” Christiane responde: “Não se preocupe; se Thérèse diz isso, ela vai nos arrumar isso.” E as coisas se passam assim mesmo. Como não puderam fazer com que a maca entrasse no elevador, os padioleiros desceram Thérèse, sentada em uma cadeira, de robe e xale na cabeça. Na rua d'Ourcq, vestida com sua camisola mais bonita, penteada pela irmã de Christiane, cabeleleira de profissão, Thérèse repousa serena, muito descontraída; parece dormir, sem qualquer sinal de sofrimento.

As orientadoras de Paris, Nancy e Troyes, assim como amigos próximos, vão chegando aos poucos. O dia 4 transcorre em orações, enquanto a família, os lares da África e um bom número de amigos são prevenidos. Um livro de ouro, colocado no quarto, recolhe os testemunhos. Um dos mais pungentes, na sua sobriedade, talvez seja o do seu irmão, cheio de ternura: “Então, minha garota, você trabalhou bem.”

Em 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição, o ofício fúnebre é celebrado em Paris, 19º distrito, por vinte padres e três bispos: D. Anselmo Titianma Sanon, bispo de Bobo-Dioulasso, que Thérèse aguardava com alegria para esse mesmo dia; D. Lesouef, adjunto de D. Ivo Ramousse, bispo encarregado dos Cambojanos; e D. Bernardo, bispo

de Nancy. O Santo Padre, telegrafou e o cardeal Gantin enviou uma afetuosa mensagem. Segundo a opinião geral, a cerimônia foi bela, tranqüila; Christiane escreve: “Estávamos impressionados com a beleza da liturgia e a serenidade que experimentávamos. Uma graça nos impregnava. Thérèse estava muito presente e, nessa bela festa da Imaculada Conceição, estávamos envolvidos por um clima de ternura. Essa magnífica eucaristia era também como uma apoteose da vida de nossa bem amada Thérèse.”

Thérèse está enterrada no cemitério de Pantin, a pouca distância de seu apartamento. As orientadoras vão lá muitas vezes, tanto para orar quanto para continuar a dialogar. Pois todos os testemunhos concordam sobre esse ponto: Thérèse não é daquelas para as quais a gente roga ao Senhor de acolhê-las na sua misericórdia. Todos os amigos, pelo contrário, ficaram imediatamente convencidos de que Thérèse já está junto a Deus, trabalhando pela causa à qual devotou toda a sua vida. É um padre quem escreve: “Vós perdeis uma mãe, porém não sois órfãs, pois Thérèse continuará viva, por uma presença muito mais eficaz do que uma simples lembrança. É uma das primeiras orientadoras quem diz: “Todas nós a choramos humanamente. Nós todas nos regozijamos por sabê-la santa entre os santos. Ela não nos deixou, pelo contrário: eu acho que ela agora está com cada uma de nós.” Um amigo dos primeiros tempos escreve também: “Rezar por Thérèse, ou melhor, pedir-lhe, pois uma alma desse quilate já está no ‘Coração’ do Senhor.”

Um bispo africano resume: “Thérèse é um dom do céu à terra e da terra ao céu.” Essa frase faz eco, de certa maneira, à de Thérèse que as orientadoras lembram: “Como seremos felizes lá em cima!” Ela empresta toda a sua força a uma das últimas mensagens de Thérèse: “Eu amo vocês, sempre os amei. Não os abandonarei nunca, nunca. Iremos para o céu todos juntos. Nós nos reencontraremos.”

II. PERSONALIDADE DE UMA CRISTÃ

SIM A JESUS

Thérèse fundamentou toda sua vida na confiança em Jesus, em Maria, na Trindade inteira.

Seus pais haviam-na preparado para isso. Eles davam o exemplo de uma família muito cristã, capaz de gerar alegria e generosidade, apesar da vida difícil de uma família operária naquela época. Sua mãe, educadora sem igual, sabia aliar ternura e firmeza. Seu pai conheceu, e superou bastante jovens, as provações dolorosas da viuvez e da cegueira. Ele não procurou reter a filha mais velha quando ela entrou na Igreja, nem Thérèse, que foi para Paris fundar uma nova série de lares. E quando estava morrendo, em 1969, junto a todos os seus, ele ainda soube agradecer a Thérèse pela presença.

Naquela calorosa ambiência, Thérèse ainda é apenas uma jovem e sincera cristã, até aquele retiro da primavera de 1932, quando percebe realmente o chamado pessoal de Deus. É ali que decide dedicar-lhe sua vida; é o primeiro sim de uma longa série da qual vimos várias demonstrações no capítulo anterior.

Evocando mais tarde, com as orientadoras, o desejo de entrar no Carmelo aos dezesseis anos, ela esclarece: “Quando a gente quer viver uma vida de amor com o Senhor, e quer cumprir sua vontade, a gente se deixa conduzir pelo Senhor. Podemos ter desejos profundos e sinceros de segui-lo, mas a sua vontade pode muito bem ser outra. É necessário então procurá-la, pedir a ele através da oração.” Ela gostava de repetir: “Se for a vontade de Deus, será feito: cabe a nós encontrar os meios.”

Ela disse em outras oportunidades: “O Senhor fala através dos acontecimentos, eu o compreendi bem.” Uma amiga religiosa relata uma conversa, no final de outubro de 1989: “Thérèse me falou do sim a Deus, do consentimento: “Não é difícil, basta não dizer não. É o sim de Jesus em nós. É por isso que a vida da Virgem Maria é tão fecunda. [...] Nada conta diante do sim a Deus. Pouco importa a saúde, a doença, a glória ou o fracasso.” E esse sim, ela o confirma até a morte.

“Ela foi daquelas e daqueles, escreve um padre amigo de longa data, que se tornaram totalmente maleáveis nas mãos do Pai. Tocamos aí no mistério pessoal de Thérèse.” É impressionante como, hospitalizada em Nancy em fins de 1988, inteiramente imobilizada e quase moribunda, ela ainda sonhava em partir em visita aos lares da África, no Natal. E ela o fez. “Pode-se perguntar, conclui ele, qual dos dois faz a vontade do outro, Deus ou Thérèse. Estamos em presença de um mistério de aliança, de esposais, obra-prima de Deus em seus amigos.”

Todavia, essa constante obediência a Jesus, de quem Thérèse percebe atentamente os sinais, não é uma aprovação a tudo. Thérèse, pelo contrário, dá provas de uma assombrosa capacidade de discernimento. Quando estamos tão dispostos a dizer sim, como saber se estamos realmente cumprindo a vontade de Deus? Quando uma autoridade – mesmo e sobretudo eclesiástica – pede-lhe que modifique seu ponto de vista, como ela pode resistir e dizer não, arriscando-se a ser acusada de orgulho?

Ora, nós vimos que isso ocorreu mais de uma vez. Nem mesmo alguns padres ficaram ausentes de várias crises: ela responde a eles “com realismo, audácia e saúde cristã”, diz um dos seus mais antigos amigos. Quando um eclesiástico mostra-se demasiadamente preocupado em controlar a instituição, Thérèse responde: “Nossa vocação de batizadas nos permite uma grandeza maior.” Ela disse sim ao bispo de Kaolack, porém não aos da América Latina que, no começo, tinham uma idéia totalmente diferente dos lares. De onde lhe pode vir uma convicção tão forte?

UMA VIDA DE ORAÇÃO E DE FÉ

A resposta está, sem dúvida nenhuma, na profundidade de sua fé.

Thérèse deixou a escola “sem reclamar”, aos onze anos. Seríamos tentados a julgá-la sem instrução; ela mesma diz, com humildade, que não é muito forte em escrita. No entanto, é preciso observar sua avidez de cultura e ver que suas intervenções contêm sempre o essencial.

Sua cegueira nada modificou nesse terreno, a não ser interiorizar ainda mais sua compreensão. Todos os testemunhos confirmam seu poder de atenção quando alguém

lhe fala, quando ouve uma leitura ou uma gravação; e, nas noites de grande cansaço, quando se poderia acreditar que está desatenta, ela sabe resumir em poucas palavras o cerne dos debates.

Quanto à fé, ela é permanentemente nutrida pela oração e pelo estudo. Permanece fiel ao rosário que, adolescente, prometera rezar todo dia; e somente um acontecimento grave pode privá-la de sua eucaristia cotidiana.

O retiro de 1932 foi seguido de muitos outros, várias vezes por ano. Quando Thérèse organiza sessões de reflexão ou de formação para as orientadoras, sabe escolher os debatedores; todas as participantes se declaram enriquecidas com isso, e a própria Thérèse as acompanha com uma atenção constante. Como jocista, conheceu quase de cor as grandes encíclicas sociais; nas Ursulinas, preparando a criação dos lares *Clara Morada*, apaixonava-se com os cursos de Sagrada Escritura e lia atentamente os livros que as religiosas lhe aconselhavam.

Sobretudo sua oração é, por assim dizer, permanente: todos o atestam. Quando uma orientadora estagiária lhe diz o quanto aprecia o trabalho junto às jovens, ao lado de uma vida plena de oração, Thérèse responde: “não ao lado, mas dentro; é uma coisa só.” Indagada sobre a força que lhe permitiu, depois de uma operação nos olhos em 1966, ficar imóvel um mês inteiro do mesmo lado, ela responde: “É preciso viver minuto após minuto, sobretudo não pensar no amanhã nem na próxima hora, nem mesmo nos quinze minutos seguintes; mas só viver o minuto presente com a Graça de Deus. Quando não consegue dormir, o que é cada vez mais freqüente – ela reza sem parar, por suas orientadoras, pelas pessoas em dificuldades, pelas jovens: ela entende ser tão importante estar com elas na oração quanto dar-lhes uma formação. É o que ela chama, com humor, suas “equipes de noite”.

Seu ardor pela oração não exclui a familiaridade. Durante o estágio, de 1952-1954, nas Ursulinas de Paris, uma religiosa a encontra um dia sozinha na capela, interpelando Jesus: “Afinal Senhor, são suas filhas. Faça alguma coisa por elas!” Todavia, só os mais próximos percebem a intensidade dessa oração. Amigos de longa data falaram de seu “jardim secreto.” Em 1986-1987, durante uma crise, cuja tensão poucos imaginam,

um padre que se intrometia nos negócios de um Lar disse a Christiane: “Thérèse devia rezar.” Ouve-a responder: “Seis horas por dia, isso basta para o senhor?”, e fica

espantado: “Porque não o disse antes?” Um outro padre também, melhor informado, evoca “sua experiência do vazio e do deserto”, mesmo fora dos períodos de embate.

Várias vezes, ela repeliu a intervenção de Satã; conheceu, nela e ao seu redor, o combate pela fé. E acontece de uma jovem do Lar parisiense, numa noite de 1961, interpelar agressivamente um padre visitante. A noite se prolonga: Thérèse propõe à responsável pelo Lar oferecer um refresco, lembrando a hora. No dia seguinte, ela esclarecerá que lutou em oração contra o assalto do Maligno, durante toda a conversa.

Uma orientadora escreve: “Thérèse me abriu os olhos sobre esse combate de amor que ela travava na sua oração e nas suas oferendas. Vendo-a viver, tomei consciência da importância do combate espiritual no qual todo cristão está engajado. Não é somente o pecado em nós que é preciso combater, mas sobretudo todas as forças do mal em ação no mundo. O desafio é a salvação de todos os nossos irmãos, sobretudo os mais feridos pelo sofrimento e pela violência.”

Esse ensinamento de Thérèse toma muitas vezes formas bastante simples: “O Senhor jamais prometeu certezas a seus apóstolos [...] ele não fez grades de proteção, ele falou com eles [...] Quando teremos a coragem de apostar tudo no Senhor, no amor?” Seu humor acrescenta muitas vezes um toque particular à situação. Num grupo em que, após as mudanças de ritos introduzidas pelo Concílio, menciona-se com certo formalismo o respeito devido à hóstia consagrada, Thérèse diz sorrindo: “E na noite da Ceia, vocês pensam que não houve migalhas?” Com ela, tem-se a impressão de que a teologia não é mais uma ciência complicada, mas antes uma questão de bom senso. “É fácil dizer sim: é Jesus quem o diz em nós, basta deixá-lo falar!” Fácil, certamente, se a gente chega, como Thérèse, a conservar – a expressão é de uma religiosa amiga – uma harmonia constante entre a natureza e a graça.”

É evidente para todos que Thérèse possui um profundíssimo sentido de Deus. Numa noite tensa, uma moça do Lar de Paris engole uma grande dose de remédios. Atordoada, a orientadora acorda Thérèse:

- Ela vai morrer!
- E então vai cair nos braços do Pai que a ama! Essas jovens que tanto sofreram são particularmente amadas pelo Senhor.

O que, é claro, não a impede de colocar toda a sua energia para apoiar as orientadoras e, finalmente, salvar a moça.

“Veja, diz ela ainda a uma orientadora, convalescente após um período difícil sob vários aspectos: “Quando viajo sozinha não estou só, o Senhor está comigo, a gente se ama, a gente é feliz.” E a interessada comenta: “Dava para ver isso.”

Num dia de grande dificuldade, declara a uma amiga: “Eu não compreendo o que o Senhor faz; quando eu chegar no céu, será necessário que a gente converse [...] Mas que nada! Estarei tão feliz em vê-lo que esquecerei tudo.”

Ela simplesmente oferece seus sofrimentos. Confidencia a uma amiga que a visita nas últimas semanas,: “Eu não tenho absolutamente vocação para o martírio, o da vida cotidiana me basta.” Às vezes, ela chora de dor. “Quando é que tudo isso vai acabar?” No entanto, não pára de rezar: seu terço não a deixa. Com uma religiosa em visita, ela reconhece que sua oferenda é útil a *Clara Amizade* e até mais que isso. Menciona a mãe de uma orientadora, falecida recentemente, e diz ter vivido tais momentos de crise em união com essa pessoa. Evocando sua longa doença, um padre amigo fala do sofrimento criador de Thérèse.

Em 13 de maio de 1990 – data em que Thérèse alcançaria seus 73 anos – o padre que celebra uma eucaristia para a família *Clara Amizade* de Paris não tem nenhuma dificuldade em imaginar “as palavras do Senhor que Thérèse escolheu no Evangelho de hoje para nos dar sua mensagem: um curto trecho de sua homilia dá o tom: “Thérèse é nossa grande irmã. Sua aventura é a nossa. Ela não gostaria sobretudo que pensássemos que teve um destino extraordinário. Ela nos diz sorrindo com aquela voz cujo eco ressoa ainda em nossos ouvidos: “Para ir até onde vou, vós sabeis o caminho.”(Jn.14,4). É Jesus, Ele no-lo disse: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai sem passar por mim” (Jn.14,6).

SEU AMOR POR MARIA E PELA IGREJA

“Minha vida é Maria e a Igreja. Seguir a Igreja não é difícil: a gente sabe onde encontrá-la.” Essas palavras de Thérèse, durante a sua última doença, lembram o lugar que Maria ocupou nas grandes horas dessa vida: vimos muitos exemplos disso.

Em seus testemunhos, as orientadoras observam muitas vezes a total confiança de Thérèse na Virgem Maria, que ela declarou mãe e responsável pelos lares: “Faça o que puder e deixe Maria agir, o Lar é Dela”, aconselha a uma. Outra esclarece: “Com ela a

gente começava rezando a Maria para que ela nos habite e nos clareie. Ela amava Maria e tinha confiança nela.” Várias outras, pouco sensíveis à devoção Mariana ao entrar em *Clara Amizade* aprenderam com Thérèse a mudar de opinião: “Mas para mim, exclama, a Virgem Maria é uma pessoa viva! Ela está aí, eu estou com ela!” Thérèse diz sempre a suas orientadoras: “Nós somos de Maria de Nazaré”. Uma delas responde a uma amiga que lhe pergunta se Thérèse não as prende demasiadamente a Maria: “Em todo caso, foi por intermédio dela que aderi ao Cristo.”

Com efeito, esse amor por Maria nada tem de um “movimento estéril e efêmero da sensibilidade”, para retomar os termos da constituição conciliar sobre a Igreja (*Lumen gentium*), que Thérèse aprofundou cuidadosamente. Maria é a moça que, por seu sim, deu Jesus aos homens: Ela é, antes de mais nada, o caminho que conduz a Jesus. É também, como assinala o texto do Concílio, “o modelo da Igreja na ordem de fé, da caridade e da perfeita união com Cristo”. Thérèse recebe, por conseguinte, com alegria, em 1987, a encíclica *A Mãe do Redentor* na qual João Paulo II reflete sobre a presença maternal de Maria na Igreja em marcha: “As palavras que Jesus pronuncia do alto da cruz – “Mulher, eis aí teu filho...” – significam que a maternidade de sua mãe encontra um novo prolongamento na Igreja e pela Igreja, simbolizada e representada por João.” É em plena comunhão com o Santo Padre que Thérèse devota um mesmo e imenso amor a Jesus, à Sua mãe, à Igreja.

Ela acredita muito nessa comunhão constante com o sucessor de Pedro e com os bispos: “Não temos o direito de deixar que ataquem o Santo Padre, de aceitar que alguns na Igreja o destruam. É preciso fazer todo o possível para chegar à verdade.” Em cada uma de suas viagens a Roma, fica feliz pela acolhida que lhe reservam o soberano pontífice e seus mais próximos colaboradores. Para a abertura de um novo Lar, ela gosta de responder ao apelo de um bispo; deseja que a equipe de orientadoras seja inserida na diocese e coopere com ela. Recomenda a suas orientadoras uma excelente formação doutrinal, a fim de melhor conhecer e amar o Senhor. “Somos filhas da Igreja” repete sempre, e também poucos dias antes de sua morte.

Esse amor e essa confiança tornam Thérèse muito sensível aos grandes momentos da Igreja. Todos os acontecimentos dolorosos desta – um desvio, uma desobediência, a infidelidade de um padre – atingem-na como um grande sofrimento pessoal; todavia, ela só fala disso com amigos íntimos. Ela não gosta que critiquem um sermão, ou o

modo de celebrar de um padre. Recomenda às orientadoras de dizer para si, nos momentos de dúvida: “Eu estou no bom caminho quando permaneço fiel aos pobres e às orientações do Santo Padre.”

“Thérèse viveu intensamente o espírito missionário, escreve um padre amigo. Ela teria gostado de responder a todas as necessidades, mas era bastante realista para saber que a Igreja e, *a fortiori*, uma parcela da Igreja é antes de tudo sinal e sacramento da salvação, fermento na massa [...] O Senhor consolou-a, no sentido de “consolidada” pela palavra da Igreja, e cercando-a constantemente com o amor da Igreja, por mil e uma delicadezas de todas aquelas que, dia e noite, velaram-na até consentir em abrir enfim a porta para que ela pudesse entrar na plenitude do Reino”.

THÉRÈSE CORNILLE E MARTHE ROBIN

Vários desses traços fazem pensar em Marthe Robin, a grande mística cuja vida pôde ser resumida em *A Cruz e a Alegria* (Raimond Peyret) e que “em todo o planeta, do Vietnã ao México, fundou lares de amor” (Jean Guitton). Thérèse conheceu-a bem, votava-lhe uma grande admiração e uma fiel amizade. Foram necessários três meses para que ela se recuperasse do falecimento de Marthe, em fevereiro de 1981: esse acontecimento foi para ela um verdadeiro dilaceramento. Marthe, por sua vez, dizia a Thérèse: “Você é minha irmãzinha.” Ela recomendava para os leigos “a fidelidade no engajamento de *Clara Amizade*.” Ao responsável por uma obra que lhe perguntava

como aplicar fundos disponibilizados pela mudança de orientação de uma outra associação, ela sugeriu apoiar *Clara Morada*.

Vale a pena relatar o primeiro encontro delas. Thérèse, ativa nos lares do Norte, ouviu falar de Marthe como de uma vidente: fica intrigada, porém não atraída. As orientadoras do Lar cotizam-se para oferecer a um padre amigo a viagem e o retiro em Châteauneuf-de-Galaure; este, na volta, só tem uma opinião: “É preciso ir lá ver aquilo.” Finalmente, Thérèse decide. Um pouco angustiada, espera sua vez dizendo para si mesma: “Se for uma vidente, ela adivinhou o que eu penso.” Recebida na casa de Marthe Robin, ela dispara imediatamente: “Eu tinha receio de encontrar uma

vidente!” Marthe dá uma boa risada e responde: “Eu também!” O contato se estabelece imediatamente e os dez minutos habituais são por demais breves para Thérèse, que expõe com paixão a vida dos lares do Norte. Marthe pede então que volte à tarde; a segunda conversa dura mais de uma hora. Elas compartilham do mesmo amor a Deus, do mesmo sentido uma da outra. Marthe, no final, promete a Thérèse apoiá-la e pedelhe o mesmo.

O retiro seguinte confirma Thérèse na sua intuição: os lares devem primeiro permitir às jovens encontrar o seu Senhor. Acompanhada de Christiane, manterá um contato permanente com Marthe Robin, e fará com que ela conheça um bom número de orientadoras. No decorrer de um retiro, em 1973, Marthe recebe todas as equipes da África e da Ásia durante uma hora; ela diz às que vão voltar para o Camboja: “Vocês me levam com vocês.”

Muitos retiros se realizam em vários lares de caridade, para Thérèse e suas orientadoras. O de La Roche-d’Or, perto de Besançon, acolhe os grandes encontros de Pentecostes de todos os lares *Clara Amizade* até 1980.

É, portanto, um sentimento largamente partilhado, o que exprime o responsável por esses lares de caridade, escrevendo a Christiane em dezembro de 1989: “Nenhuma dúvida de que, do alto do céu, ambas (Marthe e Thérèse) continuam a apoiar vocês para levar a bom termo nossa missão tão bela, mas às vezes bem difícil também.”

UM ESQUECIMENTO TOTAL DE SI MESMA

“De que vale pretender ter fé se não se tem as obras?” pergunta o apóstolo Tiago. Em Thérèse, nenhuma inquietude desse gênero, numerosos testemunhos o atestam.

Que Thérèse pensa unicamente nos outros, já vimos em diversas circunstâncias de sua vida. Quando de sua saída do Norte, ela aconselha as monitoras a continuarem o trabalho, a fim de que as jovens não sofram com o ocorrido. Voltando a Paris de um retiro, depois de sua partida de *O Ninho*, ela não sabe aonde ir, mas quer primeiro saudar uma velha amiga: “prioridade para a amizade”, sem desconfiar de que lá encontrará cama e mesa. Em 1969, depois de uma noite de angústia no hospital, onde

teve de ser reanimada de 24 paradas cardíacas¹, ela comenta: “Cheguei até a porta do céu. O Senhor não me quis. Isso prova que é preciso ainda trabalhar para ele. Vamos trabalhar dobrado.” E, cheia de emoção, dá como exemplo seu pai, Louis Cornille, peregrino cego em Lourdes: “Diante da narração das misérias que o cercavam, ele compreendeu que não pediria sua cura, mas a dos outros.”

Ela própria sabe o que está dizendo quando aconselha, para numa violenta dor de cabeça ou de dente: “Faça de conta que sua cabeça não lhe pertence mais, como se seu dente estivesse fora de seu corpo”. Como está cega, ela dá o braço para se deixar conduzir. Um dia, em 1983, uma orientadora esquece de avisá-la sobre um pequeno desnível: colocando o pé abaixo do que deveria, Thérèse sente uma grande dor nas costas e na cabeça. Ajudam-na a deitar, ela sente dor, ela chora. A orientadora não pára de pedir desculpas, e Thérèse responde: “Você pensa que é só essa coisinha que dói. Não se deve esquecer todo o cansaço acumulado desde a minha juventude, os anos de fábrica e aqueles em que eu era permanente. Tem horas em que eu não agüento mais.”

Mas esses momentos não são freqüentes. Durante os curativos, às vezes até dolorosos, ela é sempre dócil e dona de si. Assim que se sente melhor, pede desculpas por causar preocupação e incômodo. Uma orientadora escreve: “Thérèse possuía a graça de estar sempre em paz nos seus momentos de sofrimento; ela não os faz pesar sobre nós. Buscava sempre a felicidade dos outros: quando estavam felizes, ela também ficava.”

No decurso de sua última doença, os gestos de abnegação se multiplicam. No meio de seus sofrimentos, que ela não esconde, pede notícia de um e de outro; admira a generosidade do pai de uma orientadora, recentemente falecido; declara a seus visitantes que rezará pelas intenções de todos. Quando uma orientadora chega da África, para assumir a responsabilidade do futuro Lar de Bobo-Dioulasso, Thérèse diz: “É formidável que você esteja aqui.” A cada uma das orientadoras, suas filhas, do interior ou da África, ouvidas pelo telefone, ou presentes ao pé do seu leito, ela repete: “Em comunhão, sempre.” E pudemos ver como ela é sensível aos grandes acontecimentos da Igreja.

Nos últimos dias, uma orientadora agradece-lhe por tudo quanto ela criou: “Oh, não, é um agradecimento mútuo que nos dirigimos, pois nos entregamos uns aos outros.”

¹ A causa é encontrada no dia seguinte: numa brusca queda de potássio. (N. do A.)

Uma outra pergunta: O que é que você sente, com todas essas orações que são feitas para você?” E Thérèse responde: “Fico feliz porque, por esse meio, muitas pessoas dirigem-se a Deus e pensam nele. Também digo à Virgem Santa: ide depressa levar essas orações a todos aqueles que tanto necessitam no mundo.”

Como não subscrever testemunhos como este: “Toda sua vida foi só doação ao Senhor e aos pobres”, ou ainda: “Ela se doou totalmente e com tanta alegria!” Em 13 de maio de 1990, o sacerdote que celebra a eucaristia exprime-se assim: “Como Jesus, ela podia dizer: “Vou para o Pai [...], mas ela tinha prometido não ir só, desejando arrastar com seu sorriso, sua bondade, sua alegria, seu humor também, todos aqueles, e sobretudo aquelas que encontrasse pelo caminho. É toda a bela aventura de *Clara Amizade* que conhecemos.”

UMA PARTICULAR ATENÇÃO AOS OUTROS

Salvo em caso de impossibilidade física, Thérèse sempre respondeu aos convites: casamentos, batizados, luto, comemorações diversas. Ela fica visivelmente feliz em fazer-se presente. Um dia, um congestionamento impediu seu carro de chegar antes do término de uma missa de casamento, e ela ainda assim sente-se favorecida em poder enviar seus votos de viva voz um dos parentes. Todas as circunstâncias lhe parecem

boas para enviar votos, telegramas ou flores em dia de aniversário, ou em agradecimento por algum pequeno serviço: tendo feito tão pouco, a gente se sente constrangido com tanta atenção. No falecimento accidental do filho de um amigo, sem procurar fórmula de condolências, repete com insistência: “Nós o amamos.”

Numa noite de 1986, em que os debates do conselho de administração duraram até tarde, ela está cansada ao entrar no carro para voltar a Pantin. Um homem está deitado na rua, com muito frio; é um estrangeiro, está com a saúde abalada. Juntas, Thérèse e Christiane não se contentam em alertar o Lar; ajudam as orientadoras a cobri-lo, alimentá-lo, reconfortá-lo. Com o consentimento do desconhecido, chamam uma ambulância que o leva ao hospital. Thérèse fica feliz ao comentar: “Não seria bom

que, comparecendo diante do Senhor, Ele tivesse que dizer: ‘Tive fome e vocês não me deram de comer [...] Tive sede e vocês não me deram de beber [...], mas vinde, benditos de meu Pai.’” Estes, para Thérèse, são em primeiro lugar as crianças e os pobres: e só se pode encontrá-los aproximando-se deles.

As orientadoras gostam de enaltecer a qualidade de seu acolhimento, que deixa a pessoa logo à vontade. Desde os primeiros contatos, as estagiárias ficam espantadas com sua atenção a cada uma das jovens. “Ela animava a mesa com muita garra e alegria; parecia tão fácil com ela, escreve uma delas. Confidenciando para Thérèse a preocupação que lhe dá o estado de saúde de sua mãe, durante um retiro outra orientadora ouve como resposta: “Faça o que você achar melhor”: ela pôde assistir aos últimos instantes de sua mãe e jamais esquecerá essa confiança e esse respeito por sua liberdade.

Um dia, no hospital, na época das grandes enfermarias, Thérèse alegra-se com a falta de intimidade, quando tantos outros se aborrecem: “gosto das grandes salas [...] a gente pode ouvir as pessoas, pode-se ouvir as pessoas contar longamente suas misérias, pode-se rezar por elas. Pode-se até ajudá-las a morrer calmamente.” Desse modo, ela havia ajudado uma doente sem recursos a transformar em oração um palavrão de desespero. Christiane resume essa atitude constante: “Seu grande dom de escuta fazia com que todos aqueles que dela se aproximavam se sentissem encorajados, e o fardo tornava-se mais leve.”

Em 1975, expulsas do Camboja, as orientadoras de Phnom Penh são informadas de que Thérèse quis partilhar com as famílias e os amigos mais chegados toda a correspondência trocada. Esse laço com as famílias caracteriza Thérèse, como também as atenções pessoais em relação a um amigo doente: elas tocam profundamente o beneficiado.

Uma qualidade de presença tão marcante é acompanhada de uma grande discrição, de uma grande indulgência e compreensão, de uma constante preocupação em não magoar. “Que fizeram a você?” pergunta com tristeza quando uma orientadora deixa *Clara Amizade*. Durante as crises narradas no capítulo precedente, ela distingue cuidadosamente a linha dos lares, sobre as quais não transige, e o respeito que conserva para com as pessoas, seja qual for a atitude delas. Ela pede perdão, ela

própria perdoa sem segundas intenções: as relações assim interrompidas podem ser retomadas mais tarde.

Thérèse não fica atenta somente às crianças e aos próximos: ela sempre buscou o diálogo com pessoas de todos os meios. “O cardeal Liénard não queria barreiras entre os movimentos de ação católica especializada. Ele queria que nos encontrássemos e nos conhecêssemos mutuamente”, repetia freqüentemente. Ela também não exclui ninguém, o que não a impede, por vezes, de dizer a alguns patrões: “Confessem que sofremos muito mais com seus defeitos do que os senhores com os nossos.” Ela confia a seu pessoal: “Os ricos dão, os pobres partilham.”

Um dia, ao notar que um padre é evidente demais no seu afeto em relação a uma jovem jocista, ela declara: “O senhor está muito cansado; peça um tempo de descanso a seu bispo.” A uma jovem de um Lar, após um aborto, Thérèse diz: “O Senhor perdoa, e quando você chegar no céu é seu bebê quem irá acolhê-la, dizendo: mamãe.” Uma orientadora africana, como muitas outras, escreve: “Em nossos encontros, ela fazia perguntas sobre minha família, interessando-se pela saúde de todos.”

Vários testemunhos acentuam a intensidade de seu *olhar*, apesar de estar cega há muito tempo. Mesmo alertados, os interlocutores têm dificuldades em crer na sua cegueira quando dos primeiros encontros. “Eu não via os seus óculos mas sentia seu olhar profundo e penetrante, cheio de amor,” diz um deles. Outro confirma: “Thérèse, cujos olhos estavam fechados para a luz deste mundo, tinha um olhar forte e

penetrante. Ela nos ajudava e nos ensinava a descobrir o essencial, o invisível; ela nos guiava sobre um caminho de luz.”

Tomemos ainda a observação de uma religiosa, amiga de infância: “Nunca ouvi Thérèse falar mal de alguém, nem mesmo daqueles que a faziam sofrer. Ela dava sua opinião sobre a situação objetivamente, sem atingir as pessoas. Ela continuava amando. Junto de Thérèse cada pessoa sentia-se valorizada, confiante, jamais desapreciada.”

ALEGRIA, PAZ, SIMPLICIDADE, HUMOR

Thérèse jamais esquece suas origens e sua expressão é sempre de uma grande simplicidade. As respostas, espontâneas são muitas vezes acompanhadas de um humor que lhes dá uma força singular. Já vimos alguns exemplos.

Em 1943, durante uma sessão de jovens da JOCF, em Béthume, uma participante fica impressionada com dois traços complementares de Thérèse: a arte de fazer rir na vigília, mas também a profundidade com a qual fala das jovens e de suas dificuldades.

Essa alegria é característica de Thérèse. Aqueles e aquelas que se aproximam dela pela primeira vez percebem o quanto ela é viva e alegre; muito se ri e se canta nos lares. Thérèse ama apaixonadamente a vida em todas as suas expressões. Apesar da cegueira, gosta de filmes e os acompanha atentamente pela televisão. Depois de um bom filme policial, fica a tal ponto envolvida pela trama que lamenta a morte de um determinado personagem; Christiane lhe faz ver que se trata de uma ficção; ela ri com vontade: “E dizer que já rezei por ele!”

Desde a origem dos lares de Paris, naquela célebre festa do grupo de teatro, ela descobre com espanto os costumes da sociedade parisiense. O beija-mão dos cavalheiros distintos arranca-lhe esta observação: “Ora, isso me deixou pasma!” Anos mais tarde, a expressão “Meus respeitos, madame” continua divertindo-a... principalmente quando dirigida a ela, Thérèse!

Uma de suas interlocutoras, vindo pedir-lhe conselho em uma situação difícil, deixa escapar:

- Eu estou no escuro
- Ah, não, responde vivamente Thérèse, eu é que estou!

E consegue reconfortá-la. Um amigo lembra diante dela a observação do Padre Varillon: “Quanto mais a gente ama, mais a gente quer ser dependente do outro”. Thérèse exclama: “Então, quanto devo amar!”

Em 1960, uma das futuras orientadoras volta do Senegal com documentos do bispo de Kaolack para entregar à “Senhorita Cornille”, diretora dos lares *Clara Morada*. Impressionada, ela sente-se logo à vontade com o caloroso acolhimento de Thérèse e com seu grande interesse pela vida na África.

Um dia, Christiane é chamada a expor o trabalho de Thérèse diante de uma comissão da Assembléia Nacional. Ela deixa o auditório vivamente interessado; mas na volta, por brincadeira, não conta logo como foi.

- Eu não encontrava as palavras, a mensagem saia com dificuldade.
- Azar, disse Thérèse, você fez o que pôde.
- Que nada, exclama Christiane alegremente, estive maravilhosa!
- Ah é, quem foi que disse a você?
- Bom... quer dizer...

E ambas caem na risada.

É claro, a perda da visão cria situações inéditas que Thérèse encara com o mesmo humor. Em La Roche-d'Or, ela é guiada por uma orientadora que, para indicar-lhe os degraus a descer, pressiona sua mão silenciosamente. Primeiro, Thérèse pensa que é um cacoete; quando entende o motivo, morre de rir contando sua primeira impressão. Em Paris, aprendeu a discar os números de telefone, mas pode se enganar. Um dia, julgando falar com uma das orientadoras ao telefone, diz em tom brincalhão: “Bom dia, minha querida!” Ao ouvir uma voz masculina responder brincando, ela começa pedindo desculpas, mas depois seu riso é tão comunicativo que o desconhecido ri também.

Durante uma viagem à Itália, Thérèse e Christiane percebem que roubaram suas malas, deixadas no carro. “Ora, diz Thérèse, basta dizer que nossos pertences foram apanhados por um homem que precisava deles e a quem os teríamos dado se o tivéssemos conhecido. Christiane concorda; todavia à noite, no quarto, suspira:

- E minha linda camisola de que eu gostava tanto!
- Christiane, intervém Thérèse, quando a gente dá, não fica se lamentando!

De volta à França, lembram que viveram vários dias com um guarda-roupa bastante reduzido: esvaziam os armários e distribuem todas as roupas que não lhes parece necessário conservar.

As circunstâncias são muitas vezes penosas, sem por isso alterar essa simplicidade. Já cega, mas ainda não livre do tumor, ela sofre dores de cabeça quase permanentes. Ela confia aos mais próximos: “Eu tomo um comprimido de aspirina que não adianta nada, somente para me persuadir de que fiz o que era preciso.” Outras vezes, diz: “Não

tendo mais meus olhos, devo me lembrar de tudo: às vezes é cansativo.” A uma amiga religiosa que foi visitá-la depois da ablação de um importante tumor: “Ora, não vamos fazer um drama por um pedaço de carne a menos!”

Durante seus últimos anos, ela adquiriu o hábito de responder aos que lhe perguntam como está: “Tudo que não vai mal, vai bem.” Falando da morte, diz a um dos familiares: “Quando se recebe uma carta, o importante é a carta: o envelope, a gente joga fora. Com a morte, é a mesma coisa; o envelope vai, a carta fica.”

O BRILHO DE THÉRÈSE

É fácil compreender o quanto todos aqueles e aquelas que se aproximaram de Thérèse ficam impressionados com seu brilho. Até mesmo antes de conhecê-la, as futuras orientadoras são atraídas pelo que ouvem falar dela. “Comecei a ter afeto por ela sem nunca a ter visto,” escreve uma africana. “Sem conhecê-la, eu a amava e tinha vontade de encontrá-la um dia”, disse uma outra.

Quando elas a encontraram, tanto ficam mais seduzidas por Thérèse quanto aprendem a melhor conhecê-la. “Ela era uma fonte inesgotável de água viva, onde cada uma tomava o quisesse.” Uma outra se espanta de jamais ter podido recusar-lhe um pedido, mesmo contra sua vontade: “O sim era mais forte que eu.” Uma delas escreve: “Seu sorriso faz existir, faz viver e dá confiança.” Uma outra lhe fala: “De você emanavam a Paz, o Amor, a Alegria; você falava da ternura de Deus através de seu ser.” Tais testemunhos, anotados entre muitos outros, atestam a sinceridade dessa confiança de Thérèse: “Quando uma pessoa entra em meu coração, fica para sempre.”

Uma intensidade de presença como essa não é reservada apenas às orientadoras. Duas adolescentes obtiveram de Thérèse, em 1989, autorização de passar dois anos com as equipes de orientadoras da África, sem por isso assumir os mesmos compromissos. Elas observam: “Sem nos haver encontrado, Thérèse confia em nós [...] Na nossa primeira visita, ela estava acamada; sorridente, ela nos segurava a mão dizendo: “Eu amo vocês”, e não encontramos palavras para responder [...] O contato tão fácil com ela fazia-nos esquecer que ela era uma GRANDE mulher.”

E o mesmo brilho é expresso por muitas outras testemunhas. A jovem de um Lar: “Escrevo-lhe esta cartinha como se você ainda estivesse viva, pois para mim você está viva e estará sempre, no fundo de meu coração e no fundo do coração de cada moça que lhe conheceu e que, graças a você, pôde enfrentar a vida e partir de novo sobre boas bases. Eu lhe abraço com força.”

Uma auxiliar de puericultura no Lar materno: “Digo sempre que não se pode entrar alguns instantes em um Lar *Clara Morada* sem sentir toda essa acolhida e esse espírito de família, de paz [...] que ali reinam.”

Uma família cambojana, refugiada na França: “O trabalho de Thérèse, todo o seu devotamento pelas cambojanas, assim como pelas adolescentes, são para nós uma luz que ajudará a que nos devotemos aos que nos cercam, a fim de que o mundo continue a se criar por Deus.”

A amiga de uma orientadora: “Guardo dela a lembrança radiante de momentos passados juntos em Lourdes, durante o Pentecostes do ano passado.”

Uma outra veterana: “Viver no Lar com o passado que temos, isso mexe conosco; mas discutir com Thérèse, revolve-nos. Ela incomoda lá dentro. Seu rosto brilhante, sua voz doce, mas firme, convenciam-me sempre. Saindo de nossas conversas, um certo calor apossava-se de mim. Eu saía de coração cheio.”

A origem interior de um brilho tão intenso é muito evidente. As palavras de Thérèse pouco antes de sua morte: “Para encontrar a porta do céu, é preciso que esta seja aberta,” responde como um eco às numerosas observações do tipo: “Ela respirava e inspirava santidade”. Um bispo sublinha “o amor do qual ela era o sinal.”

Uma religiosa exprime: “Creio que se trata de alguém da envergadura de São Pedro e de tantos outros santos que vivem conosco sem que, às vezes, o mundo se dê conta, mas que, graças à sua ação e ao seu espírito, transformam este mundo.” Uma outra escreve: “Sempre fiquei impressionada com a riqueza de seu coração. Acho que o chamado de Deus utilizou seus grandes dons humanos, desenvolvidos no seu meio familiar, na JOCF e ao longo de sua vida.”

Também não parece deslocado aplicar a Thérèse a bela conclusão que R. Peyret dá no seu livrinho em 1982, sobre aquela a quem Thérèse estava tão ligada: “Seria demais sugerir que Marthe Robin faz parte daquela raça de humildes que, como Francisco de

Assis e Catarina de Siena, foram enviados pelo Senhor para confundir o orgulho dos sábios e dos grandes? Então, irresistivelmente, sobe em nós um canto mariano: “Minha alma exalta o Senhor. O Todo Poderoso operou em mim maravilhas. Santo é seu nome.”

III. THÉRÈSE E OS LARES DE JOVENS; COMUNIDADES SOLIDÁRIAS

Não se trata aqui de descrever o funcionamento dos lares mas de mostrar como Thérèse, com um sentido de organização e um realismo impressionante, soube colocá-los em ordem e dirigi-los.

Criados e conduzidos por uma fundadora como ela, os lares da família *Clara Amizade* evidentemente não poderiam ser simples estruturas de acolhimento como tantos outros.

Dois princípios básicos, definidos por Thérèse Cornille desde os primeiros lares do Norte, foram aclarados e firmados quando de sua chegada a Paris: prioridade para a missão de evangelização; preocupação de ir ao encontro dos mais pobres.

Daí decorre um método, fundamentado sobre o amor e o respeito mútuos, constantemente adaptado às circunstâncias. Daí também decorrem a qualificação e a escolha das orientadoras responsáveis.

A fim de garantir a educação total das jovens, os lares mantêm com diversos parceiros uma colaboração constante e confiante. Não se poderia calar, por fim, sobre o modo pelo qual *Clara Amizade* se adapta às dificuldades administrativas e financeiras que toda associação encontra.

PRIORIDADE PARA A MISSÃO DE EVANGELIZAÇÃO

Thérèse quer, acima de tudo, permitir que as adolescentes mais desfavorecidas conheçam Cristo. Seu próprio encontro com Ele, em 1932, constituiu uma fonte de alegria tão grande que ela quer partilhar com todas aquelas jovens.

Evangelizar não quer absolutamente dizer procurar converter. Em 1964, uma das primeiras sessões de *Clara Amizade* na África aborda a idéia de pré-evangelização. Para Thérèse, não existe pré-evangelização mas sim, um recado a todos, muçulmanos,

peessoas de religiões tradicionais ou cristãs (ela teria podido mais tarde acrescentar: budistas ou incrédulos) para viver e anunciar a boa nova de Jesus Cristo, que veio para salvar todos os homens. E, em conclusão: “Toda ação realizada pela Igreja em nome de Jesus é evangelização.”

Antes de qualquer criação de Lar, antes de qualquer medida importante para mudar o rumo, Thérèse reflete e informa-se longamente, o tempo que for necessário. Sobretudo ela reza, pondo toda sua confiança no Senhor e na Virgem Maria.

Ainda é a oração que sustenta Thérèse, e com ela as orientadoras que a assistem na sua missão. Segundo as palavras de um folheto sobre *Clara Amizade*: “No coração dos lares e de sua vida, os verdadeiros animadores são o Cristo Jesus e a Virgem Maria.” Ela obteve das autoridades eclesiásticas a manutenção ou a instalação de um pequeno oratório em cada Lar. O ambiente é simples e propício ao recolhimento. A presença permanente da hóstia consagrada facilita a oração e a meditação; ali se pode celebrar a eucaristia para quinze ou vinte pessoas. Thérèse e as orientadoras encontram tempo de recitar diariamente o terço, compromisso que assumiram, apesar dos dias carregados. De bom grado, convidam um amigo chegado a juntar-se a elas. A presença de Deus ali é sempre sensível.

Rapidamente as jovens do Lar compreendem o porquê daquele oratório. A maioria delas, vindas de ambientes descristianizados, não sabe nem o que é aquilo, nem “para que serve”, e não hesitam em fazer perguntas: sempre têm resposta. Ouvindo dizer que Deus é a fonte desse amor oferecido pelo Lar, elas acreditam ou não, mas podem sempre ir checar. “O que me impressionou em *Clara Amizade*, declara uma jovem pouco crente, é que existe uma capela em todos os lares. Nunca vi isso em outro lugar. Contudo, é bom saber que se pode ir lá quando se quer, para dizer a Deus o que se tem no coração. “Se esse Deus, ainda pouco conhecido, parece-lhes distante demais, nós ajudamos as jovens a descobrir em Maria uma mediadora, próxima a elas, jovem trabalhadora como elas e protetora dos lares. Podem, enfim, na paróquia vizinha, encontrar outros cristãos e juntar-se a eles, se o desejam.

Até as festas podem ser a oportunidade para certos desenvolvimentos espirituais. Um padre que assistiu a uma peça representada com grande seriedade pelas adolescentes, crentes ou não, exclama com admiração: “Que catequese!”

Thérèse tem um modo muito próprio de explicar às jovens a liberdade dos filhos de Deus. “No sábado à noite, vocês voltam do trabalho; estamos juntas e nos sentimos bem. Mas vocês receberam seu dinheiro, têm vontade de sair. O melhor para vocês, muitas vezes, seria que eu fechasse as portas e que as conservasse junto a mim. Mas não: vocês são livres. É assim que Deus age conosco.”

Tratando-se de africanas ou de asiáticas, a abordagem é muitas vezes diferente, pois o sentido religioso faz parte de suas culturas. Várias delas pertencem a uma religião como o islã ou o budismo. Os lares da África e da Ásia inserem-se em um meio religioso. Nesses países, a evangelização é, em primeiro lugar, um testemunho do amor de Cristo. E, segundo a prescrição do apóstolo Pedro, as orientadoras estão prontas a dar prova da esperança que as habita e faz viver.

Na África, as grandes festas cristãs são a oportunidade para todas, no respeito às suas convicções, aprofundarem sua fé na vida. Com que intensidade, por exemplo, pode-se ver jovens muçulmanas representar com mímica a parábola cristã dos talentos! Não há nisso qualquer sinal de sincretismo mas sim, o reconhecimento dos valores de cada crença.

Algumas pessoas de fora ficaram com medo de que, sob a capa da educação, houvesse uma pressão sobre as jovens para levá-las a adotar, nem que fosse superficialmente, um comportamento destinado a agradar, ou ainda para evitar de serem importunadas. Uma pressão desse tipo está bem longe das intenções de *Clara Amizade* que se contenta em dar testemunho da presença de Cristo e, por todos os meios disponíveis, transmitir confiança... sem esquecer de rezar.

O caminho de cada jovem depende muito do seu passado. Elas começam descobrindo o fundamento desse amor que as envolve: “Obrigada pelo que vocês fazem por nós. Eu não acreditava que isso podia ainda existir, essa bondade, essa generosidade sem nada pedir em troca, a não ser amar os outros e retomar o bom caminho.”

“Viver com cristãos, vê-los viver, ouvi-los, orar com eles, partilhar esses momentos de alegria e paz, é uma grande felicidade, isso aquece o coração. A gente renasce e sente-se útil aos outros.”

Outra jovem descreve assim a evolução espiritual que a levou à crisma: “Deus me perdoou por minhas mentiras, meu egoísmo, minha falta de confiança, minhas ofensas.

Ele me perdoou por intermédio do padre de nossa paróquia que me disse: “Agora, vá em paz. Deus te perdoa todos os teus pecados.” Essa frase penetrou em mim e tudo foi revolvido. Meu coração abriu-se para acolhê-la. Eu me senti vazia, mas livre, como um homem que é solto depois de anos de cadeia.”

E, mais adiante: “O pobre que está nas trevas, sozinho no seu canto, como eu fiquei, aquele que é rejeitado, aquele que não é amado, aquele que nunca soube ou nunca pôde amar: se ele não tiver aquela força da Fé, permanecerá sempre sozinho nas trevas, fechado dentro de si mesmo. Mas se lhe dessem a conhecer, descobrir, acolher Jesus, o caminho da Vida, da Luz e sobretudo do Amor, o infeliz nasceria novamente.” Todas aquelas adolescentes que descobrem ou redescobrem o Cristo, que caminham e progridem na sua fé, nós as vemos pouco a pouco tomar iniciativas, inserir-se nas paróquias (algumas animam celebrações), participar de diversos movimentos da Igreja para os jovens, tornar-se por sua vez testemunhas do Evangelho e tomar consciência de que pertencem à Igreja de Cristo.

“A Igreja, diz Thy Heng, já é a casa de todos os filhos de Deus onde podemos nos reencontrar como irmãos para falar de nosso Pai; cada vez que vou lá e que participo da eucaristia, fica sempre uma palavra da Bíblia que quero tentar viver bem. A Igreja é também todo o amor que levamos conosco e que procuramos partilhar com todas aqueles que nos cercam. A Igreja são todos os homens de todas as raças e de todos os países que acreditam que Jesus é Filho de Deus, que ele é o Salvador. É isso a família cristã.”

Que esperança para todas aquelas que estão caminhando! E que alegria observar que os Atos dos Apóstolos são sempre atuais: “todas nós ouvimos em nossa língua as maravilhas de Deus.”

PREOCUPAÇÃO DE IR AO ENCONTRO DOS MAIS POBRES

Esta segunda preocupação guiou constantemente Thérèse em suas escolhas; as etapas sucessivas de seu projeto bem o demonstram. Quando ela adere à JOCF é para trabalhar em favor da juventude operária cujas condições difíceis de existência ela conhece desde os treze anos. Seu mandato de permanente a faz descobrir uma franja da mesma juventude que, privada do meio familiar, não pode ser acompanhada e

apoiada. Sua primeira experiência de Lar em Roubaix, que ela teve que abrir amplamente a fim de evitar o recuo egoísta das primeiras beneficiadas, leva-a a selecionar, dentre numerosas candidatas, as menos favorecidas.

A regra é sempre aplicada nos lares de Paris e do interior. Um tão reduzido número de lares não poderia evidentemente responder a todas as necessidades. Mas eles aí estão, fermento na massa... e nos termos de um documento de *Clara Amizade*, “Quanto mais a massa é pesada, mais o fermento deve ser ativo e vivo.”

A fórmula parece estar no ponto, na França; ela fez suas provas desde 1954. E como Thérèse não teria compreendido o apelo de um primeiro bispo do Terceiro Mundo: “Os mais pobres não estão aqui, estão lá”? Tanto mais que isso corresponde à sua idéia, encorajada pelo cardeal Liénart, de abertura para a dimensão universal. Será que ela vai ter de renunciar à atividade coroada de êxito na cidade grande?

A resposta de Thérèse é original. A partir dos mesmos princípios, *Clara Amizade* apresenta um aspecto na França, um outro nos países chamados de “em desenvolvimento” e cada Lar da África fica ‘geminado’ a um Lar da França. Às jovens de todos esses lares pode-se mostrar casos concretos, ilustrados pelas trocas de cartas, de audiovisuais, de videocassetes, fotos, pequenos presentes, às vezes por visitas de amigos. Tudo isso fala mais aos jovens do que algumas emissões de TV, inevitavelmente superficiais e incompletas. As orientadoras de diversos lares formam uma mesma família, encontram-se muitas vezes na Europa ou “lá longe”, elas podem ser designadas para diferentes lares.

Mesmo no interior dos países do Terceiro Mundo, é ainda ao encontro dos menos favorecidos que Thérèse quer ir: às meninas e às jovens não escolarizadas. Com muita diplomacia, afasta os pedidos relativos às adolescentes de famílias urbanas, já

organizadas em grupos ou em movimentos de jovens cristãs. De igual modo, conserva uma prudente distância das “uniões femininas” ligadas a um partido político. Essas não são as mais desfavorecidas.

UM AMOR MATERNAL, FONTE DE CONFIANÇA E DE PAZ

“Em casa, a gente era pobre, mas se amava”, repetia muitas vezes Thérèse. Como numa família operária numerosa, o mesmo deve ocorrer nos lares *Clara Amizade*.

As jovens sentem isso desde a primeira acolhida. Dirigidas para um Lar ou atraídas por ter ouvido falar deles, primeiro são recebidas durante bastante tempo por uma orientadora. Ela as escuta com atenção e respeito, leva-as para visitar o Lar, limpo e alegre, e descreve o que ele deseja oferecer. Assegura que elas entram ali livremente, sendo permanentemente livres para se retirarem em qualquer momento. Agora há um regulamento interno, cuja simples leitura basta para convencer que os regulamentos não ultrapassam os de uma família unida e amorosa.

A moça que decide entrar no Lar encontra uma cama com seu nome em um lindo quarto para duas ou três, com um ramalhete de flores frescas e uma palavra de boas vindas das novas companheiras. Em muitas delas, provenientes de famílias desunidas ou que não têm família, tais atenções provocam um choque cuja ressonância é durável. E todas as festas, aniversários, convites, o êxito em um exame ou a assinatura de um contrato de trabalho: muitas são as provas de que a atenção à pessoa é aqui muito importante. Uma jovem refere a experiência. Tendo desaparecido uma noite inteira, voltou às oito horas da manhã: “Eu queria saber se você gostava de mim”. Ela é logo acolhida e reconfortada.

Thérèse sabe desarmar as tensões. A adolescentes que não recuam diante dos piores palavrões, ela responde com humor e muda a situação de modo construtivo. Nos casos trágicos, viu-se isso a propósito de uma tentativa de suicídio, ela acalma seu pessoal ao tempo em que toma as providências necessárias. E quando uma jovem foge, ela informa a polícia como a lei obriga, mas cuida em relocá-las em outras estruturas

desde que tenha notícias dela. Assim pode ser garantida a coesão do Lar e tais casos constituem exceção. Às orientadoras que lhe pedem conselho, Thérèse responde logo: “Pense alto! Não dramatize, ponha qualidade nisso.”

Tornando-se mais tarde orientadoras, algumas jovens lembram de seu tempo no Lar: “Thérèse é uma mulher que ama suas filhas. Quando tenho algo que me dói o coração, se vejo Thérèse, esqueço.” Outra lembra os conselhos familiares, quando se faz o

balanço mensal: “Ah, nas noites em que pensava que íamos ter ajustes de contas, em relação a uma colega ou a alguma orientadora! Naquelas noites, Thérèse entrava sempre em ação... Procurávamos nos orientar de acordo com a vida familiar de nossa mãezinha.... Por fim, bebíamos e comíamos boas coisas... Ela lembrava uma mãezinha, recompensando e reconfortando suas filhas depois de grandes esforços.”

UM MÉTODO DE EDUCAÇÃO **INTEGRAL**

Nos lares da França, uma vez sanadas as dificuldades constatadas na admissão – saúde, documentos de registro civil – o primeiro objetivo é o de encontrar para cada jovem um trabalho remunerado, primeira condição para uma futura reinserção. Bem depressa aparecem as necessidades de formação que, em *Clara Amizade*, encontram uma dupla resposta: como pano de fundo, uma formação global; de acordo com as demandas, complementos práticos.

A formação global é uma intuição de Thérèse: em quatro trimestres sucessivos, ela insiste sempre, mas sem rigidez, sobre os componentes de qualquer vida:

- a vida familiar, visto que as jovens tiveram muitas vezes um passado agitado;
- a vida pessoal, onde cada uma encontra a oportunidade de reestruturar sua personalidade;
- a vida social, pois todas devem saber ocupar seus lugares de mulheres e cidadãs;
- a dimensão universal, sem a qual a cultura ficaria incompleta.

Todas as circunstâncias vividas pelas jovens, ou pelo conjunto do Lar, constituem oportunidades de reflexão e progresso. E todo mês o “conselho de família” referido

acima faz o balanço dos avanços e das dificuldades e reexamina o acerto das escolhas anteriores. Boa oportunidade para Thérèse aplicar os seus dotes de pedagoga.

“Thérèse, diz um testemunho, sabia traduzir para as jovens as coisas complexas, dizer de modo simples e eficaz as noções profundas, ressaltando seus aspectos positivos. Assim, para ajudar uma moça africana a aceitar-se como diferente em uma família, ela a comparava à tulipa negra em um ramalhete de flores.”

A essa formação global superpõe-se uma educação de base, para as jovens que muitas vezes não foram instruídas sobre as coisas mais simples da vida. Ajudadas pelas orientadoras e casais benevolentes, as adolescentes aprendem a gerir um orçamento, escolher despesas e lazeres, executar as tarefas de trabalhadoras e cidadãs. Elas completam também a instrução escolar, se necessário. Os administradores de *Clara Amizade* não hesitam em dizer que suas próprias filhas tirariam grande proveito de uma passagem pelo Lar!

A educação total não poderia esquecer a dimensão espiritual; vimos acima como ela é abordada com delicadeza e na mais completa liberdade. Todavia, esta é uma questão pessoal cujos relatórios sobre meios e resultados não mencionaremos.

Como em uma família modesta, as jovens juntamente com as orientadoras revezam-se nas tarefas domésticas e na dinâmica da casa. Todas contribuem financeiramente para o orçamento do Lar, em função de seus recursos. Somente os lares maternais apelam, durante a jornada de trabalho das mães, às auxiliares de puericultura: não é necessário insistir sobre a sua motivação.

As festas desempenham um papel importante nessa educação. Como na família de Thérèse, o domingo é uma festa em cada Lar. As veteranas recordam as grandes arrumações do sábado, do mercado que permitirá o preparo de uma boa refeição. Enfeitam a casa, põem flores na mesa, partilham questionamentos e descobertas. Durante a sobremesa, elas cantam.

Além dos domingos, quatro grandes festas cristãs são momentos significativos em todos os lares: o Natal, a Páscoa, Pentecostes e, em 8 de dezembro, a festa da Imaculada Conceição. Depois dos graves alertas de 1969 a respeito da saúde de Thérèse, as orientadoras quiseram agradecer a Jesus e Maria por terem-na conservado viva. Desde então, os grandes encontros da Páscoa e a festa dos lares em 8 de

dezembro são expressão disso. No Lar de caridade de La Roche-d'Or, a princípio, e em seguida em Lourdes, reúnem-se para as Pentecostes, as jovens de todos os lares *Clara Amizade* da França. O dia 8 de dezembro tornou-se a festa dos lares, preparada na atenção recíproca e na ternura. As jovens da França recebem nesse dia uma medalha com a imagem da Virgem, lembrando aos crentes que Maria é a mãe dos

lares; para os demais, ela sugere o amor maternal. Na África, uma manifestação apropriada marca essa festa de família, respeitando-se as crenças.

Se levar em conta, por fim, todos os aniversários, noivados e casamentos, visitas excepcionais - e para vinte adolescentes por Lar as oportunidades não faltam! – as festas constituem uma das componentes da vida no Lar; seu alcance educativo é apreciado.

Na África e no Camboja, onde a formação responde a outras necessidades, a festa ocupa igualmente um lugar excepcional. Canto, teatro e dança são meios privilegiados de expressão. A dimensão universal é importante. Graças à paridade dos lares podem-se trocar cartas, fotos e pequenos presentes; por vezes, recebem-se visitas. As adolescentes africanas descobrem que também existem, em um país rico como a França, pobres para amar. O espanto delas pode tomar formas inesperadas. Recebido pelo lar de Kaolack, um administrador de *Clara Morada* em viagem propõe às jovens uma das canções habituais. Uma africana exclama: “Ele também conhece nossos cantos!” E um bom número desses cantos celebram *Mama Thérèse*...

Desde 1954, orientadoras e administradoras de *Clara Morada* tiveram tempo de verificar as qualidades de tal método, e resistem legitimamente a qualquer pressão exterior para uma mudança de orientação. Não é inútil citar alguns exemplos vividos.

Certas críticas são assim formuladas: “Está bem, mas isso não se transfere”. *Clara Amizade* jamais procurou erigir-se em modelo; quer apenas trazer um testemunho. Será que mais de trinta anos de experiência confirmada e milhares de beneficiados não demonstram a validade da fórmula?

Perguntam-nos também qual é a porcentagem de êxito. Como toda formação como toda educação familiar, a dos lares *Clara Amizade* não escapa aos insucessos. Quando as jovens deixam prematuramente o Lar, quando solicitações levam-nas a retomar hábitos que pensavam haver dominado, quando uma personalidade ainda frágil cede a tentações agravadas pelo baixo salário, o resultado buscado não é totalmente atingido. Todavia, tais casos estão longe de representar a maioria, numerosos testemunhos o atestam. E será que há fracasso quando, por exemplo, uma veterana há anos afastada traz para o Lar uma de suas amigas, dizendo: “Acolha-a, não quero que ela fique como eu!”?

Outra crítica freqüente refere-se à duração da estada nos lares. Preocupadas com a importância crescente das despesas sociais nos orçamentos públicos, as administrações são pouco favoráveis às estadas que ultrapassem alguns meses. Mas como ser ou voltar a ser autônomo sem os meios materiais para essa autonomia? E como consegui-los se antes foi necessário reestruturar uma personalidade gravemente perturbada, cuidar de doenças físicas ou nervosas, não raro adquirir as bases da escrita ou do cálculo, e até da língua?

É preciso muito amor para agüentar firme em qualquer circunstância. Muitas vezes, nos encontros entre organismos de caráter social, o representante de *Clara Morada* ouve dizer: “Sim, é claro... mas *Clara Morada* é especial!” Ele não deixa de responder: “Não pretendemos possuir a verdade: dizemos simplesmente como agimos diante de tal ou qual dificuldade.”

Nesse assunto, como em outros, trata-se tão somente de testemunhar.

EQUIPES EDUCADORAS E COLABORAÇÕES DIVERSAS

Se o essencial da missão de educação cabe às orientadoras dos lares, Thérèse conta com outras colaborações para o complemento e dá provas de seu espírito de abertura. Ela tampouco esperou as observações de certos meios para adivinhar que uma educação de adolescentes por outras adolescentes deve ser enriquecida com pontos de vista masculinos. Ela não quer, enfim, conferir às orientadoras uma espécie de dignidade superior às das outras pessoas atuantes nos lares.

Todo um conjunto de colaboradores e colaboradoras contribui então para a educação das jovens. Nos lares, além das orientadoras (sejam educadoras ou, às vezes, técnicas em secretariado, contabilidade, informática) encontram-se os assalariados permanentes ou ocasionais, as auxiliares de puericultura dos lares maternais, as beneméritas, trazendo as suas competências: todos e todas têm um papel a desempenhar, nem que seja testemunhando sua motivação. As veteranas e seus filhos não deixam também de mostrar – e de proclamar! – o que devem aos lares.

Em visitas menos regulares, pode-se citar os administradores das diversas associações de gestão e seus cônjuges (Thérèse considera importante mostrar às jovens como

vivem os casais cristãos), as famílias de acolhimento que recebem as moças, os padres freqüentadores dos lares, vários especialistas intervindo no setor de suas competências: médicos e profissões para-médicos, juristas, arquitetos, especialistas em informática e outros. Alguns destes tomam uma responsabilidade precisa na formação, outros colaboram de modo mais intermitente; todos têm certeza de que serão interrogados, durante uma visita ou uma refeição, com perguntas às vezes muito diretas.

Enfim, as associações de gestão trabalham regularmente com outros grupos associativos, com metas educativas semelhantes. Não há nisso apenas uma preocupação de presença e eficiência: esse engajamento social impõe-se a *Clara Amizade* e completa os compromissos pessoais de seus membros. *Clara Morada* participa de várias coordenações, regionais ou nacionais, onde a qualidade e a seriedade de sua contribuição são sempre apreciadas. Beneficia-se, em troca, da experiência dos parceiros e da comunhão de estudos ou de procedimentos.

AS QUESTÕES ADMINISTRATIVAS E FINANCEIRAS

Thérèse viveu literalmente o mandamento de Cristo: “Procurai primeiro o reino de Deus e sua justiça e todo o resto vos será dado em acréscimo.” Os primeiros capítulos mostraram vários exemplos disso; o mesmo ocorre para a criação e gestão dos lares.

Administrativamente, não há outro caminho possível a não ser conformar-se ao regulamento, não sem tirar a lição das circunstâncias. Sua saída dos lares do Norte faz Thérèse acentuar, nos estatutos de *Clara Morada*, que o conselho está a serviço dos lares, e não o contrário. As crises de identidade das orientadoras levam-nas a criar *Clara Amizade*. As vicissitudes dos financiamentos baseados em fundos públicos, obsessão de tantas associações, encontraram uma solução elegante na declaração dos *Amigos de Clara Morada*: não subvencionada, essa associação não tem de prestar contas à Administração. Quando da repartição da região parisiense, as modalidades da gestão dos lares se adaptam à nova divisão das responsabilidades. Diante da impossibilidade regulamentar de aplicar o mesmo programa às menores e às maiores e mesmo se a maioria legal não muda grande coisa nas necessidades educativas, *Clara Morada* não pode acolher adolescentes antes dos dezoito anos.

Não é preciso dizer que as orientadoras assalariadas, através de suas associações de gestão, são beneficiadas em todas as cláusulas da regulamentação do trabalho: horários de atividade profissional, descanso semanal e férias anuais, proteção social e aposentadoria.

As relações com os serviços de tutela colocam, algumas vezes, problemas difíceis. Há uns vinte anos, um desses serviços contestava a presença simultânea de menores e maiores, mesmo com idades próximas, pelo fato de os dois grupos dependerem de legislações distintas. Um outro, mais recentemente, insistia para que cada centro de acolhimento (para a tutela, *Clara Morada* pertence a essa categoria) reservasse uma parte de sua capacidade a acolhimentos de urgência, muito rápidos, fossem quais fossem a idade e o sexo dos interessados. Toda vez, a associação faz o impossível para responder a essas demandas, mas sempre com a condição de não discutir os princípios educativos implantados pela fundadora.

Nem por isso tal maleabilidade de adaptação torna *Clara Morada* influenciável frente a todas as solicitações. Assim, uma associação amiga estabeleceu um convênio com *Clara Morada África* para serviços recíprocos: tal acordo, satisfatório para ambas, não transforma as orientadoras de *Clara Morada* em voluntárias da outra associação, suscetíveis de serem transferidas ou encarregadas de outras atividades; a cada organismo, sua vocação.

O financiamento dos lares e de seu bom andamento colocou, e continua colocando, outros tipos de questionamentos. Para cada abertura de um novo Lar, Thérèse sempre encontrou os recursos necessários: não ganhando uma aposta aleatória, mas colocando-se inteiramente nas mãos de Jesus e de Maria. Ela lhes confia o projeto em sua oração, convida seu pessoal a fazer o mesmo. As coisas vão se arrumando por caminhos que outros poderiam chamar de coincidências felizes, mas nas quais ela própria reconhece a intervenção da Providência e o sinal de que era preciso agir assim. Uma amiga de Paris, ignorando totalmente o projeto do primeiro Lar africano em Kaolack, oferece a Thérèse - num dia 8 de dezembro! – uma pedra preciosa cuja venda permite a viagem de reconhecimento e uma parte dos trabalhos. Sólidos relacionamentos do Norte, em muitas ocasiões, contribuem de modo importante para tal ou qual realização. Pelo simples conselho de Marthe Robin, o presidente de uma outra associação descobre *Clara Amizade* e traz sua colaboração pessoal e financeira.

Todavia, tanto quanto em matéria administrativa, a confiança na Providência não significa a espera passiva de fundos “caídos do céu.” Realista, nisto como em tudo mais, Thérèse aplica a regra evangélica da pobreza, mencionada nos Atos dos Apóstolos: partilhar fraternalmente não somente o tempo e as competências, mas também os recursos materiais. A associação *Clara Amizade* estabelece portanto o princípio de um “caixa universal”, alimentado pela contribuição consentida livremente por cada orientadora, de uma parte importante de seu salário “a serviço das necessidades mais urgentes da Igreja e do mundo”. Em 1969, grande ano para *Clara Amizade*, esse caixa foi instituído por Christiane e pelas orientadoras. Com efeito, Thérèse dizia freqüentemente que assinara um contrato com a Virgem Santa para a criação de cada novo Lar: “Para demonstrar vosso acordo, dizia ela, vós enviareis sempre o dinheiro necessário no dia de vossa festa.” Ora, naquele 8 de dezembro, estando Thérèse no hospital, o correio nada trouxera. Rezando com algumas orientadoras, Christiane ouve uma voz no seu coração: “E se neste ano isso viesse do interior de *Clara Amizade*?” Consultando as orientadoras da França e engajando-se pelas da África, Christiane pôde, naquela mesma tarde, entregar a Thérèse muito emocionada, uma quantia importante.

Foi ainda o caixa universal que, mobilizado em diversas oportunidades de solidariedade internacional, permitiu a construção do lar de Bobo-Dioulasso, cujo projeto era considerado importante demais para os objetivos das organizações caritativas tradicionais. Pouco tempo antes de sua morte, Thérèse disse a suas orientadoras: “Devemos nós mesmas fazer alguma coisa por aquele Lar.” O caixa universal, praticamente esvaziado para esse fim, forneceu uma quantia considerável que desencadeou outras contribuições privadas. As jovens dos lares trouxeram sua contribuição, aumentada com o produto de festas e quermesses realizadas através das suas próprias iniciativas. Os doadores institucionais forneceram então mais recursos e o Lar de Bobo-Dioulasso está agora instalado.

Não há nisso belas histórias de amor? Parece-nos que o Evangelho continua a se escrever no presente.

IV. THÉRÈSE E A FAMÍLIA CLARA AMIZADE

Garantir a qualidade da presença e da educação, sobretudo para adolescentes quase sempre maltratadas e feridas pela vida, é singularmente exigente. A tarefa se torna ainda mais difícil com a evolução de um mundo severo para os fracos e os pobres e de uma sociedade que perdeu seus valores tradicionais. Tudo depende, principalmente, das orientadoras que, em alguns meses, vão se esforçar para reestruturar a personalidade dessas jovens, para devolver-lhes o equilíbrio e a confiança que lhes faltam, para fazê-las descobrir ou redescobrir aquele amor no qual não crêem mais, para fortalecê-las enfim em todos os níveis.

Para não perder a saúde física e psicológica, essas mesmas orientadoras devem conservar um perfeito equilíbrio e sentir-se apoiadas. Desde o início de seus lares, Thérèse dá uma particular atenção à qualidade das orientadoras que irão ajudá-la e depois substituir o seu próprio esforço. Consciente da força que encontra na sua fé e nas suas escolhas de vida, ela lhes propõe aderir ao trabalho. Com um senso nato da pedagogia que todos reconhecem, ela as forma longa e pacientemente, valorizando também todos os recursos do ambiente delas. Por fim, sabe que sua vida terrestre durará apenas um período e prepara simultaneamente o crescimento dessa família e sua própria substituição.

AS ORIENTADORAS: RESPOSTAS PESSOAIS A UM CHAMADO

Na rua d'Ourcq, as pessoas lembram na brincadeira a acolhida de Thérèse às adolescentes em busca de emprego:

- Deseja trabalhar conosco, senhorita? Que sabe fazer?
- Ora, eu tenho tal diploma, estudei tais aspectos da sociologia e da psicologia.
- Muito bem! E quanto custa um quilo de cenoura? Sabe preparar um prato de batatas para vinte e cinco pessoas?

Rapidamente dão-se conta de que não estão falando sobre o mesmo assunto.

Muitas vezes Thérèse repete: “Em *Clara Amizade*, as orientadoras devem ter o diploma do Amor.” Não que ela despreze os títulos universitários ou os diplomas profissionais: quer apenas salientar a importância do trabalho e, sobretudo, de uma motivação em prol dos menos favorecidos.

O primeiro encontro com Thérèse deixou, em todas as orientadoras, uma lembrança indelével. É uma estagiária que, esperando uma entrevista entre empregador e empregado, é conquistada pelo calor da acolhida e pela capacidade de ouvir de Thérèse. É uma secretária que, datilografando documentos, descobre aos poucos todas as dimensões espirituais de *Clara Morada* e deseja conhecer a sua fundadora. É uma moça, desorientada sobre o rumo a dar a sua vida, que encontra Thérèse aconselhada por um padre animador de um retiro: “Seu sorriso apagou minha apreensão, escreve ela. Você compreendeu rapidamente meu desejo de me consagrar a Deus. Ao me explicar a vida das orientadoras entregues ao Senhor por amor às jovens, contando-me o que é um lar e o que são essas adolescentes com suas pobreza e suas riquezas, você me fez desejar ser orientadora.” E outra, primeiro seduzida pela alegria de uma festa no Lar e pela beleza do ambiente, deseja saber um pouco mais: “A equipe, as jovens, o ambiente me falaram de Thérèse de modo tão impressionante como se eu a visse.”

As futuras orientadoras logo reconhecem a fonte desse amor. “Ela lia nas almas, escreve uma delas. Sentia-se que ela falava em nome do Senhor, porque ela vivia em sua presença.” Diz outra: “Não me recordo das suas palavras, mais sei que meu coração estava ardente como o dos peregrinos de Emaús.” Ainda outra: “Cada vez que eu encontrava Thérèse, sentia uma libertação em mim mesma e uma paz no fundo do coração.”

As dificuldades não são evitadas. A uma estagiária que, conquistada pelo calor do primeiro acolhimento, confessa espontaneamente sua pouca fé em Deus, Thérèse responde: “A nuvem esconde o sol, mas será que o impede de existir?” Uma outra, que se sente pouco digna de se tornar orientadora: “O passado é feito para ser ultrapassado.” Àquela que, num momento difícil, sente-se incapaz de amar suficientemente e chega até a questionar sua vocação e sua fé, Thérèse mostra, com paciência e respeito, mas também com o testemunho de sua própria vida, sua oferenda no sofrimento e na noite, esse “combate de amor” que ela aceita viver por todos e todas que traz no coração: *Clara Amizade* a Igreja, a humanidade inteira...

Por mais lento que seja o caminho pessoal de cada uma, Thérèse respeita a sua progressão. É claro que ela observa: “Você não pode ficar entre duas cadeiras, é necessário que escolha.” No entanto, jamais exerce a menor pressão; ouve atentamente, encoraja, sobretudo apóia: “Ela me carregou na sua oração... Soube me devolver a confiança, repetindo o amor de Deus por mim por ela.” É ainda ela quem aconselha a uma orientadora, atravessando um momento doloroso, cortar as amarras e partir, embora continue a apoiá-la: “Com ela, eu fui até o fundo dos maiores riscos que podem ser vividos nessa luta entre o espírito de Deus e o do mal: eu sabia que ela não se escandalizaria. Ela me preparava para a minha adesão a Cristo na alegria.”

Compreende-se que esta adesão, profunda e sincera, pode ser sólida. Todavia, nada é definitivo e Thérèse sabe disso mais que ninguém. Ela pergunta a uma jovem orientadora:

- Você já teve vontade de fazer sua mala?
- Não, ainda não.
- Então, isso vai acontecer daqui a pouco!

E de fato ocorreu pouco depois. Outras largaram os lares em circunstâncias às vezes penosas: Thérèse sofreu com isso, rezou com mais fervor ainda, mas nunca julgou as pessoas, deixando sempre aberto o caminho da reconciliação.

Enfim, o mesmo chamado pode ecoar em outros momentos. Durante uma sessão de 1964, em La Roche-d’Or, Thérèse chora por causa da falta de generosidade na equipe de orientadoras que freia a abertura do segundo Lar africano. Sentindo-se interpelada, uma das orientadoras presentes perde o sono à noite e, na manhã seguinte, formula seu pedido de designação para a África: Bouaké poderá contar com ela.

THÉRÈSE E SUAS ORIENTADORAS: UMA MÃE EDUCADORA

É evidente ser necessário uma formação sólida e contínua para as responsáveis dos lares. Encontros e estágios de todo tipo permitem a elas atualizar-se com as inovações, a evolução incessante da regulamentação, e com a experiência de outras associações. Quando, nos anos 70, o Ministério de Tutela condicionou a continuação do trabalho à apresentação do diploma de animador de coletividade, ou mesmo de educador

especializado, as orientadoras de *Clara Morada* souberam fazer o esforço necessário. E aquelas que estão encarregadas de funções administrativas, de informática, de contabilidade apresentam também a qualificação adequada. Mas o essencial não está aí.

Segundo a imagem de uma mãe de família amorosa, Thérèse aproveita todas as oportunidades de uma verdadeira educação em profundidade. Essa educação é total: espiritualidade e questões práticas estão intimamente ligadas. Em trinta e seis anos de vida dos lares os testemunhos são abundantes. Procuremos escolher sem nada omitir de essencial, insistindo primeiro sobre o espírito de uma formação tão completa.

A *amplitude de visão* de Thérèse impressiona muito as orientadoras, sobretudo em princípio de estágio. “Ela me fez compreender a importância de sair de meu mundinho,” diz uma delas. “Ela nos transmitiu, como por contágio, sua abertura para o mundo”, escreve outra. Em época de grande tensão social, a responsável por um Lar recebe um telefonema de Thérèse

- Tudo bem, Thérèse?
- Não, nada vai bem.
- O que é que não vai bem?
- Mas você não escuta as notícias?

Thérèse então fala de sua dor em ver uma orientadora com pouca abertura para um assunto tão atual. Ela pedirá às equipes que sejam mais abertas ao mundo externo e que ouçam o rádio: “Viver rezando não basta; é preciso desenvolver a atenção de vocês para tudo o que acontece à sua volta e no mundo.”

Quando um Lar enfrenta dificuldades internas, ela as relativiza falando dos grandes problemas de *Clara Amizade*, da Igreja, do mundo. O Lar mais afastado ocupa um lugar privilegiado em seu coração: ela está presente em Kaolack para o primeiro Natal desse novo Lar. Observando que uma jovem permanece o dia todo silenciosa, ela pergunta por quê: não, essa moça não precisa de nada, ela está ali porque as outras estão na aldeia. Na missa do dia seguinte, Thérèse explica às orientadoras que essa presença muda foi, para ela, o chamado de tantas jovens que não podem expressar suas necessidades.

As viagens, os retiros, os períodos de serviço em outros lares: muitas são as oportunidades de abertura. De igual modo, Thérèse recebe com frequência pessoas de horizontes muito diversos: convida as orientadoras presentes a partilhar a refeição ou, pelo menos, a sobremesa. Desse modo, elas compreendem bem a necessidade de equilibrar sua missão em *Clara Amizade* e sua “encarnação na cidade.”

A função de orientadora não é por isso menos *exigente*. Thérèse sabe repreender com firmeza aquela que, não ousando incomodá-la em um momento de descanso, atrasou-se no Lar: as responsabilidades estão em primeiro lugar. Ela faz o mesmo com uma outra que, chamada a apresentar *Clara Amizade* diante de um grupo de visitantes, não quis, por delicadeza, cansar Thérèse, perguntando-lhe sua opinião: “É normal a gente se controlar para ser sempre mais justo. Prepare com cuidado o que você quer dizer, mas também o que você não quer dizer; assim, a gente pode ser construtivo.”

Thérèse gosta do trabalho bem feito: ela própria faz e refaz uma fita cassete, o programa de um encontro, o horário de uma festa. Insiste junto a uma estagiária: “É preciso mostrar que você está feliz no trabalho que faz com as jovens; é preciso ter paz no seu coração e permanecer sorridente diante das adolescentes e também diante das orientadoras.” Pois estas não estão isoladas: “O coração do Lar é a equipe.” Elas ficam impressionadas por ordens tais como: “Aceitem-se diferentes e se amarem como complementares” ou ainda: “Sejam sinais de amor umas com as outras”; “Sejam mães umas das outras.” Ela inventa uma expressão marcante: “Fazer, com toda a sua vida, trocas de amor.”

Como contrapartida dessa exigência, Thérèse sabe *confiar*, criar ou restabelecer a *paz* e a *alegria*. Certas orientadoras confessam faltas que, segundo pensam, valerão com certeza uma repreensão, talvez a demissão. Nada disso: Thérèse escuta pacientemente, agradece-lhes a confiança e depois mostra-lhes como sair da dificuldade, tirando da provação conseqüências positivas. Para a orientadora que se exaltou, para aquela que abandonou seu posto por fadiga ou mau humor, ela nunca dirige críticas diante das jovens. Mas depois, levando a interessada para fora, mostra-lhe os inconvenientes de sua atitude, ajudando assim a remediá-los.

Ela sofre com a mediocridade, as infidelidades. Mas “com a paciência de Deus”, segundo um testemunho, ela respeita todas as liberdades. Quando não está de acordo, seu silêncio e, às vezes, um leve jeito na boca, logo reprimido, são eloqüentes para

quem a conhece bem. No fim da conversa, retoma cada tópico e traz uma conclusão construtiva. Ela não condena ninguém e, como escreve uma orientadora: “Que expressão de ternura e perdão quando sabemos reconhecer nosso erro!” Outro testemunho acentua: “Quando sente “suas filhas” em comunhão, ela as interpela: “Não é verdade?” Se não for, ela própria se inclui dizendo “nós” e as orientadoras vêm-se levadas pela obediência interior”. Ela gosta das reuniões francas, alegres, onde as pessoas ouvem-se mutuamente, e as anima na alegria. Mas se não consegue impedir que o tom suba, ela pára: “Esperemos até amanhã, não haverá mais cabeça quente.”

Pois o humor de Thérèse está sempre presente e pronto para se manifestar. Quando liga para um Lar e ouve em resposta um “alô” num tom lúgubre, ela logo acrescenta: “Estou falando com o necrotério?” O riso compartilhado relaxa sua interlocutora. Ela declara a um grupo de orientadoras que as classifica em três categorias: “As meninhas, as beatas e as senhoras da sociedade,” cada qual que compreenda para onde deve dirigir o seu esforço. Gosto pelas fórmulas provocantes? Não é porque a gente é orientadora que não precisa se melhorar.”

Em vista desses progressos, Thérèse sabe tomar *medidas* úteis. Desde a abertura do primeiro Lar parisiense, inscreve suas orientadoras nas sessões de cultura humana que ministra, durante longos anos, uma das primeiríssimas amigas de *Clara Morada*. Todas se dizem enriquecidas: “A gente tinha vontade de transmitir a nossas jovens toda aquela riqueza”. Segura da sua própria experiência, Thérèse convida também as equipes a anotar os pontos importantes das conversas ou conferências, vencer a

timidez diante do público. Às jovens africanas, ela aconselha especialmente: “Fale mais, não fique atrás. É preciso que vejam que você é uma orientadora.”

O controle do tempo conta muito: “É preciso dormir oito horas por noite. As adolescentes do Lar sentirão o benefício disso e vocês estarão em forma para realizar o trabalho e a missão de *Clara Amizade*.” Mas como fazer caber tudo em um dia tão cheio, incluindo a oração e a reflexão? “É necessário ganhar tempo em todos os campos [...] demorar menos nos acolhimentos, nas conversas telefônicas [...], desse modo vocês irão ao essencial. O tempo não nos pertence, é um dom de Deus: não devemos desperdiçá-lo.” Ela também diz, a respeito das noitadas de trabalho muito prolongadas: “Depois de certa hora, o Espírito Santo não está mais no encontro”. De

bom grado, convida suas orientadoras para passeios de descontração no restaurante, no teatro. Pois, diz ela: “Amo a vida, amo as orientadoras elegantes, alegres, que dão vontade de viver. O Senhor tem bom gosto.”

Um significativo número de visitantes dos lares destacam de fato o charme das orientadoras, sua feminilidade, seu sorriso... numa palavra: seu brilho.

AS ORIENTADORAS: UM LAICATO DE IGREJA

Uma educação como essa, repousa, nós o sentimos, num amor sem reserva por Jesus e Maria. “Se a gente não reza, diz Thérèse, não permite ao Senhor difundir sua luz e assim priva as jovens que nos são confiadas de uma dimensão de amor [...] A Virgem Maria, mãe e rainha dos lares, só pode agir se nós quisermos realmente colaborar com ela.”

As orientadoras receberam um chamado em *Clara Amizade*, elas querem verdadeiramente trabalhar para respondê-lo. Quotidianamente, cada uma recebe a eucaristia, participa da oração pessoal e comunitária, sobretudo com o terço e renova sua consagração a Jesus por Maria. O texto foi elaborado por Thérèse e Christiane, a partir das contribuições de Grignon de Montfort e de Maximilien Kolbe; uma orientadora escreveu a melodia. Frequentemente as orientadoras fazem em conjunto a “revisão de vida”, característica da ação católica. Elas fazem retiros, meditações e sessões de formação doutrinal, onde os debatedores são escolhidos por seu brilho e sua competência. A oração é quase permanente em suas vidas: “Através de nossos sim e de nossas lutas interiores, há uma aposta em todos os nossos irmãos e principalmente naqueles que, em um mundo ferido pelo sofrimento e pela violência, necessitam particularmente da ternura e da misericórdia de Deus.”

Uma delas, lembrando o Camboja em guerra, escreve: “Foi em Phnom Penh que eu vivi com o Senhor em casa. O oratório não está lá somente para que a gente reencontre Jesus na oração, mas para que possamos dar-lhe o primeiro lugar, ir sempre em sua direção com toda a nossa vida e a das jovens, receber seu amor e seu perdão, amar aquelas que cada dia Ele nos dá para amar e que precisam conhecê-Lo.”

Assim poderão ser “filhas da Igreja” como Thérèse gosta de repetir. Nem por isso deixam o laicato, e tampouco pronunciam votos. O Cardeal Lienárt sempre apoiou essa escolha que Thérèse soube defender e o Cardeal Gantin confirma a vocação delas de leigas.

Um folheto de 1982, na linha do texto conciliar sobre o apostolado leigo, resume assim o compromisso das orientadoras:

Inseridas pelo batismo no corpo místico do Cristo, fortalecidas graças à confirmação pelo poder do Espírito Santo para serem apóstolas do mundo inteiro, elas são leigas engajadas em equipes comunitárias na Igreja e no mundo, para trabalhar na formação integral das adolescentes e das jovens mais desfavorecidas de todos os países.

Seu celibato virginal é uma escolha de vida, um compromisso voluntário com o Cristo, uma fonte de fecundidade espiritual na Igreja e para as jovens.

Pela obediência de amor a exemplo do Cristo, elas aderem plenamente a tudo que for o bem da missão.

Pela pobreza da partilha, elas põem à disposição dos outros: bens, tempo, idéias, competências e suas vidas.

Uma fé como essa nutre-se constantemente; o exemplo e os ensinamentos de Thérèse contribuem sem cessar para isso. As orientadoras sentem-se felizes em anotar frases de sua fundadora, que soam como palavras da Escritura. Às numerosas expressões já citadas, acrescentemos ainda alguns exemplos.

Fazendo o balanço com as orientadoras: “O Senhor está na frente, não está atrás. Nada de lamentações estéreis; é preciso de tudo tirar uma lição para avançar.”

Precisamos olhar nosso passado como em um retrovisor para melhor ultrapassá-lo [...]

O passado está passado e ultrapassado. Vivamos o momento presente: o amanhã não nos pertence.

“A gente tem a graça para hoje, não para amanhã.”

A propósito do *Pai Nosso*: “Deus não nos dá pão dormido, mas pão fresco a cada dia. Lembrai-vos do maná no deserto: ele se estragava, quando queriam guardá-lo como reserva.”

No momento de uma provação: “Passamos por túneis, não é confortável, mas no fim do túnel, há sempre luz.”

Encontram-se até comentários que têm o alcance de parábolas: “Em uma escada, os pés num mesmo degrau, você está estável. Se quer avançar, tem que levantar um pé. Sua posição, desequilibrada, não é muito confortável; mas é para alcançar o degrau de cima, onde você estará de novo equilibrada; e assim por diante. O mesmo se dá na vida. Em certos momentos tudo vai bem, a gente está numa boa, tem a sensação de fazer tudo que deve ser feito. Todavia é preciso aceitar “levantar o pé” para uma nova etapa de crescimento, que levará um tempo. Depois, será preciso recomeçar.”

Uma orientadora escreve: “Dizem que a Igreja é especialista em humanidade: penso que isso também se aplica a Thérèse. Será presunção reconhecer nisso a fonte comum em uma mesma inspiração?”

CLARA AMIZADE, CLARA AMIZADE UNIVERSAL, O MOVIMENTO CLARA AMIZADE

Um folheto apresentando os lares assim resumia há uns dez anos: “*Clara Amizade* é o espírito que anima todas as associações como *Clara Morada* reunidas em torno dos mesmos fins educativos.” Este é, realmente, um dos aspectos do movimento: de fato, é muito mais que isso.

Thérèse traz em si, profundamente, o desejo de ver suas orientadoras realizarem a própria unidade pessoal em todos os planos. Ela gosta de perguntar: “Você é feliz?” e se regozija com uma resposta sem reticências. É bastante realista também para compreender a utilidade, e até a necessidade, de um apoio coletivo para esse fim. Esta é a origem de *Clara Amizade*.

Thérèse foi conduzida a isso por um longo caminho de reflexão. Desde o começo, presente a importância de constituir equipes de monitoras – segundo o termo da época – para dividirem as tarefas educativas, apoiarem-se mutuamente, ajudarem-se reciprocamente sempre que preciso. Thérèse convida-as, desde a chegada, a partilhar em todas as dimensões, o ideal que ela própria sustenta. Mas nem todas o entendem da mesma forma e várias crises ameaçam a unidade, e a própria existência dos lares. Questionamento da finalidade apostólica, prioridade desejada para os aspectos

psicológicos e sociais da ação, tentativa de limitar a missão à França ou somente à região parisiense, pressões por um instituto secular... Em suma, o clima vai se deteriorando.

Em 1962, após numerosas intervenções cirúrgicas nos olhos que a impediram de estar presente, Thérèse pensa numa solução, durante sua convalescença em La Roche-d'Or. A fim de que as orientadoras possam realizar juntas sua missão, livres em relação aos interesses locais e diante das associações gestonárias, é preciso reuni-las em uma nova associação. Encontrarão assim, em um quadro legal, a segurança, a amizade, a unidade e a autonomia de suas vidas missionárias.

Um estudo prolongado, apoiado pela reflexão em equipe, permite concluir os estatutos da associação *Clara Amizade* (só o nome é todo um programa!) cuja declaração sai publicada no Diário Oficial na Páscoa de 1963. A vida em equipe torna-se de novo transparente, alegre, verdadeira. Algumas saídas são logo compensadas por um novo recrutamento. A nova associação exercerá uma influência decisiva em todas as grandes opções, tais como a abertura de lares na África e Ásia ou as permutas de orientadoras entre os lares.

Em janeiro de 1975, a primeira sessão doutrinal de *Clara Amizade* para as equipes da África marca uma nova e importante etapa. Propõe definir a identidade de *Clara Amizade* e atualizar sua vocação de Igreja à luz dos textos conciliares. Dirigida por Dom Cadoux, que acaba de transmitir suas funções pastorais ao primeiro bispo africano de Kaolack, Dom Adrien Sarr.

Na França, duas sessões posteriores oferecem o mesmo programa às equipes da metrópole, reunidas naquele ano pelas orientadoras expulsas do Camboja. Um documento final é elaborado com a ajuda amiga de uma comunidade religiosa francesa e de D. Cadoux. Ele estabelece os fundamentos de *Clara Amizade*, distinguindo a associação *Clara Amizade* civil (a qual, com novos estatutos, permite a existência jurídica do grupo) e a associação *Clara Amizade Universal* (cujo objetivo é apostólico e espiritual).

No mês de agosto de 1975, em Roma, em pleno jubileu do Ano Santo, as 48 orientadoras de todos lares da França, África e Ásia, reunidas pela primeira vez, aclamam o texto por unanimidade, após algumas emendas. Elas o depositam solenemente sobre o altar em 15 de agosto, ao meio-dia. *Clara Amizade Universal*

nasce oficialmente na Igreja. O Santo Padre encorajou-a e fará varias referências a ela ao longo dos anos. Thérèse escreve: “Recebendo a benção do Senhor pelo Santo Padre nesta festa de Maria na glória, nosso trabalho está abençoado, consagrado e oferecido a Maria no coração da Igreja Universal.” Temos a impressão profunda de viver momentos celestiais.

Em torno das orientadoras assim reunidas, *Clara Amizade* é ainda um conjunto de pessoas que, de um modo ou de outro, colaboram entre si sem assumir os mesmos compromissos.

As jovens dos lares, primeiro, situam-se ali espontaneamente: elas mesmas se denominam “as claretas”. Aos que se surpreendessem vendo-as associadas ao papel educativo dos lares, basta lembrar não somente o contágio do exemplo mas também o papel importante das “veteranas”, na África como na França, na propagação dos lares. Jovens africanas declaram: “Já que Thérèse veio até nós e que permitiu nossa formação, queremos também participar da construção do Lar de Bobo, a fim de que outras jovens tenham igualmente uma família *Clara Amizade* como nós”. Os colaboradores regulares ou eventuais dos lares também reivindicam: como se sentiriam à vontade se não partilhassem as opções essenciais?

Ampliando o círculo, encontra-se ainda um bom número de amigos dos lares, entre os quais os administradores e os membros das associações de gestão e das associações de amigos. Sentem-se bastante próximos em espírito para aceitarem estar também ligados à família *Clara Amizade*. Thérèse fala deles muitas vezes às suas orientadoras: de suas vidas pessoais e familiares, de suas atividades profissionais e seus compromissos. “Eu os conhecia antes mesmo do primeiro encontro, escreve uma orientadora, e já gostava deles.”

Assim, há todo um movimento que, sem querer embaraçar-se em aspectos jurídicos, se reconhece sob o nome geral de *Clara Amizade*. Para dizer de outra maneira, poder-se-ia também falar das pessoas que caminham ao lado ou atrás de Thérèse Cornille e, agora, daquela que ela própria designou para continuar sua obra: Christiane Muller.

NA FILIAÇÃO DE THÉRÈSE: CHRISTIANE MULLER

Por mais luminosos que sejam o exemplo e os ensinamentos de uma fundadora, sua partida poderia ter provocado dificuldades se, bem antes, ela não a tivesse cuidadosamente preparado. Para tanto, encontrou em 1961 uma moça em conformidade com seu coração, e com a escolha de Deus.

Desde os 12 anos, Christiane Muller consagrara seu coração e sua vida a Maria. Aos 17, treinada por um capelão e pela JOCF para o papel de testemunha, ela ouviu distintamente o chamado de Cristo na oração: “Eu te amo, vem e segue-me.” Procura então uma comunidade de vida que responda às suas aspirações de leiga engajada. Em 8 de setembro de 1961, durante uma sessão no Lar de caridade de La Roche-d’Or, é apresentada a Thérèse Cornille, que ainda enxerga um pouco.

Elas caminham juntas no belo parque, de mãos dadas. “Eu admirava sua beleza de mulher, maternal, alegre, que me punha à vontade. Admirava também as suas unhas bem feitas [...] Imediatamente percebi, com clareza, na luminosidade do sol da tarde, a verdade do amor de Thérèse por seu Deus, seu cuidado com os pequenos e os jovens mais desprovidos.” Christiane encontrou seu caminho; quando Thérèse pergunta: “Você acha que se pode ser feliz entregando toda sua vida ao Senhor e aos pequenos?”, seu sim é alegre e espontâneo. Ela nem imaginava o resto: “Christiane, é você quem vai me substituir um dia.” Pensando inicialmente que Thérèse diz aquilo para todas as estagiárias, ela evita tocar no assunto novamente. A própria Thérèse lhe lembrará o fato em 1974, quando da preparação das assembleias de *Clara Amizade*, comentando em tom brincalhão: “Eu nem sabia direito o que estava dizendo” e, em seguida, confidencialmente: “Acho até que era uma profecia.”

Enquanto Thérèse está cada vez mais abalada em sua saúde, Christiane começa o seu estágio de orientadora, no início de 1962, no lar de Fontenay-sous-Bois. Em 1964, torna-se responsável pelo Lar de Paris. Quando perde a mãe, falecida subitamente a 13 de maio de 1969, Thérèse lhe diz com grande delicadeza: “Agora, eu serei sua mãezinha. Você se torna a filha eleita do meu coração.” Numa noite de novembro de 1969, em que as orientadoras a apoiaram tão ardentemente, Thérèse declara: “Procurei durante muito tempo quem seria a minha colaboradora. Encontrei-a, Deus me enviou”. No respeito por uma personalidade “diferente e complementar”, segundo sua fórmula

favorita, Thérèse associa mais estreitamente Christiane à sua missão. *Clara Amizade* é de fato uma obra das duas.

Em 1970, Thérèse é recebida por Marthe Robin durante mais de uma hora. Muito impressionada com essas duas mulheres excepcionais, Christiane anota a conversa da melhor maneira possível, como Thérèse pediu. Na hora das despedidas, Marthe diz: “Christiane, Jesus a fez expressamente para ajudar Thérèse e os lares.” Thérèse também compreendeu bem essa frase e repete-a na saída.

Sua escolha está feita; mas, na sua delicadeza, Thérèse se contenta em sugeri-la às orientadoras bem como às associações de gestão. Sem hesitar, cada uma se pronuncia nesse sentido. Christiane, que se tornou oficialmente a primeira colaboradora de Thérèse, vive com ela em comunhão profunda, partilhando seus pensamentos íntimos, a mesma afeição com cada uma das orientadoras e das jovens, sua fé na missão de *Clara Amizade*, seu trabalho e suas responsabilidades diárias no conjunto dos lares. Em agosto de 1987, assumiu todos os poderes; sua presença é integral. Suas relações estão impregnadas de grande ternura, uma marca para todas da ternura de Maria.

Acamada na sua última doença, Thérèse demanda constantemente a presença de Christiane. A partir de 26 de novembro de 1989, ela lhe pede para não mais deixá-la: as demais orientadoras garantirão as tarefas cotidianas. Resta ainda o mais difícil: consentir na partida dessa mãe tão amada e, por isso mesmo, aceitar a responsabilidade de continuar a missão. A oração comunitária permite a Christiane, em 2 de dezembro, dizer com grande emoção: “Sim para tudo, Thérèse”. No dia seguinte, cercada de várias orientadoras Christiane lhe diz: “Suas filhas estão aí”; Thérèse responde baixinho: “SUAS filhas”. E no dia 4, pela manhã, ela vai em paz.

Thérèse dizia a Christiane: “Você é meu tesouro; você faz parte integrante de mim. Você e eu somos uma só.” Foi assim que, quando Christiane lamentou não ter mais tempo para rezar, Thérèse disse: “Mas eu rezo no seu lugar, de noite!” As orientadoras reconhecem essa real intimidade. “Dir-se-ia que uma habitava a outra e sentia profundamente o que ela vivia”, escreve uma delas. Para uma outra: “Havia uma qualidade de vida e de relação entre elas que me marcaram profundamente e que eu gostaria de tomar como exemplo, na medida do possível.”

Christiane Muller, escolhida e preparada por Thérèse há quase trinta anos, levada à direção e à presidência de *Clara Amizade* desde 1987, foi aceita por unanimidade pelas orientadoras para suceder à fundadora. Foi muitas vezes por intermédio dela que as orientadoras e as jovens aprenderam a conhecer Thérèse: rapidamente reconheceram-na como mãe, em uma continuidade que harmoniza o pensamento profundo de Thérèse com a personalidade de Christiane, a serviço da mesma missão. Uma jovem dos lares não hesita em dizer-lhe: “Hoje podemos chamá-la mamãe [...] Para nós, agora, este é seu mais belo título.”

A CONTINUIDADE DE CLARA AMIZADE

Os lares da França e da África sempre prestam homenagem à memória de Thérèse. Eles gostam de ouvir sua história e de reencontrar suas características. Eles olham e ouvem com muita atenção as fotografias, as fitas gravadas e os videocassetes. Há alguns anos, uma moça de *Clara Amizade* compusera uma canção frequentemente repetida nos lares: “Nossa história de família é Thérèse Cornille.” Esta mesma veterana em 1990 faz a orquestração da música, que é gravada por seu grupo de músicos profissionais.

Alguns trechos do testemunho de uma jovem orientadora, pouco depois do falecimento de Thérèse, traduzem bem a profundidade dessa marca: “Thérèse, sou atualmente a única orientadora que não lhe conheceu! Nunca a vi ‘em carne e osso’, eu vejo sua imagem, ouço suas palavras e as dos que estiveram próximos a você (as orientadoras, os amigos e as jovens) e sobretudo Christiane que faz você reviver intensamente [...] Não há um só dia em que Thérèse não esteja presente, mas ela está também muito presente em meu coração. É por meio de Thérèse que a gente passa para chegar até Jesus; pelo menos, foi o que eu vivi em *Clara Amizade*, e como isso mexeu comigo! [...] Minha fé parece um grão de areia em relação ao devotamento total de Thérèse e eu digo para mim mesma que jamais poderei atingir tal santidade. Todavia, Thérèse está ali, verdadeiramente, nos lares. Está inteiramente presente a cada dia por intermédio de suas colaboradoras, mas também das jovens. Ela nos vê viver, vela por nós, ela nos

guia [...] É como se eu me deixasse habitar por ela, independentemente da minha vontade, pois tenho confiança nela e sei que isso só pode me trazer paz e amor.”

Escritos como este, que cada uma das orientadoras e das jovens empenhou-se em redigir a pedido de Christiane, somam-se às inúmeras notas de sessões, cartas, relatórios e documentos que marcam a já longa história de *Clara Amizade*. Constitui assim um “tesouro” sempre consultado.

As festas costumam ter a mesma importância. Talvez a de 8 de dezembro tenha adquirido um brilho particular, pois é também, doravante, o aniversário dos funerais de Teresa que deixaram em todos e todas uma profunda impressão de comunhão e de paz. O lar de Bobo Dioulasso demonstra uma grande vitalidade. Pedidos de novas implantações chegam de outros países da África Negra, da América Latina e da Ásia. No sudoeste da Ásia, onde a Igreja recebe – de acordo com as palavras do antigo bispo de Phnom Penh – uma “missão de reconciliação e de amor”, as orientadoras do Lar tragicamente fechado em 1975 vão para a Tailândia e para o Camboja. Elas sentem a emoção de reencontrar ali não somente algumas das mulheres acolhidas quando ainda eram adolescentes mas, bem melhor, duas candidatas orientadoras *khmeres*. Para *Clara Amizade*, este é um sinal muito forte. E várias outras candidatas, européias ou africanas, já estão estagiando nos lares.

Clara Amizade também persevera na tarefa definida pela fundadora: “Ser, no mundo, a presença da Igreja”. Esta mesma Igreja devota-lhe encorajamento e apoio, do Vaticano às dioceses e paróquias dos lares.

Recebidas pelo Santo Padre em setembro de 1991, para uma eucaristia privada, Christiane e todas as orientadoras dizem: “Obrigada por vosso amor à Igreja”. O Conselho Pontifício dos Leigos estuda, com inclinação favorável, a aprovação de *Clara Amizade Universal* como associação de fieis, de caráter privado. O núncio apostólico na França aceita celebrar a eucaristia na *Casa das Veteranas* e aprecia visivelmente a familiaridade ali existente. Sensibilizado com o espírito que anima os participantes – jovens, orientadoras, administradores e amigos – ele os convida a perseverar sem timidez no testemunho da fé.

Quando Thérèse encontrava pessoas interessadas ou intrigadas, convidava-as de bom grado a visitar os lares. Toda a família *Clara Amizade* deseja continuar dizendo:

‘Venha e veja’. Fiel à sua “missão da ternura”, fortalecida pelo apoio cuja fonte conhece tão bem, ela não cessa de dar graças a Deus.

EPÍLOGO

“Todos reconhecerão que sois meus discípulos: que vos amais uns aos outros” Toda a vida de Thérèse Cornille ilustra este mandamento de Cristo. Ela salvou milhares de moças desamparadas ou marginalizadas, suscitou uma boa centena de vocações, enriqueceu e tornou melhores aqueles e aquelas que puderam caminhar com ela.

A história está cheia de exemplos de personalidades de altíssima estatura moral. Muitas delas nos parecem tão admiráveis quanto inacessíveis: “Ele é grande demais, não está ao nosso alcance”. Totalmente diferente é a figura de Thérèse. Muitas pessoas aproximaram-se dela sem desconfiar sequer da sua cegueira; outras tantas apenas entreviram uma vida interior, pois ela não fazia alarde. Por outro lado, apreciavam imediatamente sua radiante alegria, seu bom senso, seu humor e seu altruísmo; todos sentiam-se à vontade com ela, e partiam reconfortados.

Nós, que tivemos a felicidade de trabalhar a seu lado, conhecemos o segredo: uma inteira confiança em Jesus e na Virgem Maria, uma entrega total a eles. E sabemos, de nossa parte, que podemos contar com ela, como nos confirma uma de suas últimas mensagens: “Nunca os deixarei; nunca, nunca [...] orações, afeto, comunhão.” Toda a família *Clara Amizade*, que com imenso orgulho proclamamos, experimentou, mais de uma vez, esta verdade.

Nos momentos difíceis, e não são poucos, ouvimos sua voz suave indicar o Caminho: “É fácil dizer sim, basta não dizer não”.

LIVRO SOBRE THÉRÈSE CORNILLE

FONTES DOCUMENTAIS

As fontes são numerosas, mas são sobretudo internas: anotações de sessões e de reflexões; testemunhos de jovens, orientadoras, administradores e amigos; fitas gravadas por Thérèse Cornille dirigidas às orientadoras expatriadas, videocassetes de celebrações ou de reuniões festivas etc.

Cada Lar produz um relatório anual, em grande parte ocupado com o depoimento das moças; a difusão deste material é restrita. De vez em quando, esses relatórios fornecem o material para documentos de síntese, utilizados pelas administrações de tutela, ou para impressos destinados aos amigos dos lares – portanto, aqui também, trata-se de documentos pouco difundidos, embora não sejam de forma alguma confidenciais.

Para dar conta dos primeiros tempos de funcionamento dos lares, o redator utilizou-se de antigos documentos de trabalho de *Clara Amizade*, nos quais a própria Thérèse falava da gênese do seu projeto. Alguns amigos daquele período, ainda presentes, enviaram gentilmente seus testemunhos e responderam às solicitações de esclarecimentos.

Após o decesso de Thérèse, alguns artigos foram publicados em jornais e revistas: citemos *Sombras e luzes*, *Povos do mundo*, *Panorama*, *Horizontes africanos* etc.

Uma história do período inicial foi publicada, sob pseudônimo, no pequeno livro *JOC, Eu lhe devo tudo* (Éditions Ouvrières, 1980). Um livro sobre Marthe Robin, intitulado *Povo livre* (1981), de Raymond Peyret, permite compreender melhor a grande amizade que reinava entre as duas mulheres.

Enfim, os textos da Sagrada Escritura são os da TOB; os documentos pontifícios foram extraídos da edição oficial francesa.

O AUTOR

Cristão engajado em várias associações e movimentos, desde a juventude, JEAN WERQUIN conheceu, graças à sua vida familiar e profissional, um grande número de países, de civilizações e, principalmente, de pessoas. Sua esposa e ele conservaram, de suas origens familiares modestas, uma especial atenção em relação às crianças e aos desfavorecidos. Tendo criado nove filhos, dentre os quais sete meninas, eles aderiram generosamente a *Clara Amizade* há mais de 25 anos. Presidente de *Clara Morada Ilha de França* durante 15 anos, e ainda hoje administrador de várias associações *Clara Amizade*, Jean Werquin colaborou intimamente com Thérèse Cornille, tendo sido um de seus mais próximos companheiros. No passado, fora um alto funcionário da França ultramarinha; escreveu muito, mas publicou pouco, salvo alguns artigos em revistas associativas e um pequeno livro sobre o voluntariado (*La Documentation Française*, 1985).

SUMÁRIO

AS GRANDES DATAS DA VIDA DE THÉRÈSE CORNILLE E DOS LARES CLARA AMIZADE.....	6
PREFÁCIO	3
INTRODUÇÃO	5
I. UMA EXISTÊNCIA REALIZADA	7
À GUISA DE PRÓLOGO	7
UMA FAMÍLIA CRISTÃ DO NORTE: 1917-1930	8
A FÁBRICA E A JOCF: 1930-1946.....	10
OS LARES DO NORTE: 1946-1952	12
UM PERÍODO DE TRANSIÇÃO E DE MATURAÇÃO: PARIS, 1952-1954.....	17
A EXPANSÃO – NA PERIFERIA DE PARIS E NO INTERIOR	21
O CHAMADO DO TERCEIRO MUNDO	24
AS ÚLTIMAS SEMANAS DE THÉRÈSE: OUTUBRO-DEZEMBRO DE 1989	29
A PARTIR DE DEZEMBRO DE 1989	32
II. PERSONALIDADE DE UMA CRISTÃ	34
SIM A JESUS	34
UMA VIDA DE ORAÇÃO E DE FÉ	35
SEU AMOR POR MARIA E PELA IGREJA	38
THÉRÈSE CORNILLE E MARTHE ROBIN.....	40
UM ESQUECIMENTO TOTAL DE SI MESMA	41
UMA PARTICULAR ATENÇÃO AOS OUTROS	43
ALEGRIA, PAZ, SIMPLICIDADE, HUMOR	46
O BRILHO DE THÉRÈSE	48
III. THÉRÈSE E OS LARES DE JOVENS; COMUNIDADES SOLIDÁRIAS.....	51
PRIORIDADE PARA A MISSÃO DE EVANGELIZAÇÃO.....	51
PREOCUPAÇÃO DE IR AO ENCONTRO DOS MAIS POBRES.....	54
UM AMOR MATERNAL, FONTE DE CONFIANÇA E DE PAZ.....	56
UM MÉTODO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL.....	57
EQUIPES EDUCADORAS E COLABORAÇÕES DIVERSAS	60
AS QUESTÕES ADMINISTRATIVAS E FINANCEIRAS	61

IV. THÉRÈSE E A FAMÍLIA <i>CLARA AMIZADE</i>	64
AS ORIENTADORAS: RESPOSTAS PESSOAIS A UM CHAMADO	64
THÉRÈSE E SUAS ORIENTADORAS: UMA MÃE EDUCADORA	66
AS ORIENTADORAS: UM LAICATO DE IGREJA	70
CLARA AMIZADE, CLARA AMIZADE UNIVERSAL, O MOVIMENTO <i>CLARA AMIZADE</i>	72
NA FILIAÇÃO DE THÉRÈSE: CHRISTIANE MULLER	75
A CONTINUIDADE DE <i>CLARA AMIZADE</i>	77
EPÍLOGO	80
LIVRO SOBRE THÉRÈSE CORNILLE	81
FONTES DOCUMENTAIS	81
O AUTOR	82



1946 – Thérèse Cornille, militante cristã de vinte e nove anos, abre em Roubaix um lar para jovens operárias em dificuldades. Sua linha diretriz cabe em uma frase: “Lá em casa éramos pobres mas nos amávamos.” Assim começa a história dos lares Clara Amizade.

Jovens mulheres, com um passado muitas vezes doloroso, encontram durante sua estada no lar uma estabilidade que jamais encontraram antes.

Elas podem cuidar de deficiências físicas antigas, reestruturar sua personalidade mais ou menos perturbada, preencher as lacunas de sua instrução, tomar ou retomar um lugar no mundo do trabalho e então ter melhor oportunidade para um novo recomeço na vida.

Uma educação global, fundada sobre um amor atento a cada pessoa, é assegurada por um conjunto de orientadoras e colaboradores unidos em uma associação de leigos cristãos que a Igreja apóia e encoraja. As jovens podem, assim, no respeito às convicções de cada uma descobrir a fonte do amor que as cerca. A família Clara Amizade fundou vários lares na França, na África e na Ásia; e ela continua seu desenvolvimento desde a morte de sua fundadora em 1989.

Milhares de moças e de jovens mulheres se beneficiaram de sua acolhida. Seus testemunhos, muitas vezes comoventes, atestam sua qualidade.